

2014



**Helga Maria Pinto  
Francisco**

**A nova identidade feminina proposta por Paulina  
Chiziane em *Niketche***



**Universidade de  
Aveiro  
2014**

Departamento de Línguas e Culturas

**Helga Maria Pinto  
Francisco**

**A nova identidade feminina proposta por Paulina Chiziane  
em *Niketche***

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus filhos, Edllen e Édher, por serem a minha inspiração e a força que me leva a trilhar novos caminhos. Mãe ama-vos de paixão.

À minha mãe e ao meu irmão, Sibita e Lopes, por estarem sempre ao meu lado e pelo amor que dedicam aos meus meninos.

Ao meu esposo, Márcio, pelos caminhos trilhados na construção de novas identidades e por tudo quanto temos pela frente. Que o nosso Deus nos sustente firmes e fortes.

## O júri

Presidente

**Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais**

Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Doutora Virgínia Bazzeti Boechat**

Doutora em Literatura pela Universidade de São Paulo

Pós-doutoranda em Literatura na Universidade de Aveiro (arguente)

**Doutor Nobre Roque dos Santos**

Reitor da Universidade Zambeze (Moçambique)

**Doutor António Manuel dos Santos Ferreira**

Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (orientador)

## **Agradecimentos**

Terminada esta fase do meu percurso académico, torna-se importante agradecer a todos quantos fizeram com que este sonho se concretizasse.

- Ao meu supervisor, Prof. Doutor António Manuel Ferreira, pela disponibilidade em orientar o meu trabalho e por tudo quanto fez para que este trabalho alcançasse o estágio actual.

- Aos meus docentes do Mestrado, por tudo quanto aprendi, pelas reflexões e discussões que muito desenvolveram minhas competências.

- À Direcção da Universidade Pedagógica – Delegação de Quelimane, pelo apoio financeiro concedido durante a frequência do Mestrado e pela oportunidade concedida.

- Aos meus familiares, colegas e amigos pelo constante incentivo a permanecer diante das dificuldades enfrentadas.

**Palavras-chave**

Paulina Chiziane, Identidade nova, Identidade doméstica, Mulher e *Niketche*.

**Resumo**

O presente trabalho pretende analisar a obra *Niketche*, de Paulina Chiziane, como proposta de apresentação de uma nova identidade feminina. Esta obra constitui-se como um conjunto de discursos subversivos colocados na voz de uma narradora personagem, Rami, que parte em busca de uma nova identidade para si e, simultaneamente, para todas as mulheres moçambicanas do século XXI, em oposição à milenar identidade doméstica para si construída por uma sociedade predominantemente patriarcal.

**Keywords**

Paulina Chiziane, New Identity, Domestic identity, Woman, *Niketche*.

**Abstract**

This study aims to analyse the novel *Niketche*, by Paulina Chiziane, as a purpose of new identity for the woman. This novel establishes a set of subversive discourse placed in the voice of a narrator-character, Rami, who goes in search of a new identity for her and for Mozambican woman in general of the XXI century as opposed to domestic millenary identity constructed for them by a predominantly patriarchal society.

## ÍNDICE

Capítulo I – Introdução	11
Capítulo II – Considerações prévias	15
1.1. Os pressupostos bíblicos sobre a condição e posição da mulher no mundo e na criação	15
1.2. A condição da mulher em Moçambique: sua posição em relação ao homem	21
1.3. Da tradição à consolidação dos ideais da liberdade da mulher	28
Capítulo III – A nova identidade feminina proposta por Paulina Chiziane	33
1.1. O universo feminino em Paulina Chiziane	33
1.2. A proposta de uma nova identidade feminina em <i>Niketche</i>	38
Capítulo IV – Considerações finais	53
V –Bibliografia	55



## **Siglário**

De modo a permitir uma maior compreensão e leitura do nosso trabalho e para não o sobrecarregarmos com imensas notas de rodapé, decidimos apresentar o conjunto de siglas que se integram no nosso trabalho.

ACTIVA – Associação de Mulheres Empresárias e Executivas

AMODEFA – Associação Moçambicana para Defesa da Família

ASDI – Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional

FIDH – Federação Internacional da Liga dos Direitos Humanos

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

LMDM – Liga Moçambicana dos Direitos da Mulher

NAFEZA – Núcleo das Associações Femininas da Zambézia

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique

RNDH – Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano

WLSA – Women and Law in Southern Africa Research and Education Trust

**«No princípio era o verbo (...))»**

(João 1,1)



## I – INTRODUÇÃO

É inquestionável que muitos dos textos da Literatura Moçambicana, quer os produzidos no período colonial quer os que foram produzidos no período pós-colonial, estejam intimamente relacionados com o questionamento das identidades culturais do povo moçambicano. De tal modo que em muitos desses textos a moçambicanidade surja como motivo permanente e configurador. Desde Rui de Noronha, Rui Knopfli, Noémia de Sousa, Mia Couto, os discursos têm-se voltado para a exaltação e questionamento dos costumes nacionais identitários.

Mas, o que é identidade? De acordo com Cruz, *apud* Rodrigues (s/d:3)<sup>1</sup>, a “identidade é um processo de identificações historicamente apropriadas<sup>2</sup> que conferem sentimento de pertença ao grupo.” São historicamente apropriadas porque os indivíduos (homens ou mulheres) não se atribuem a si mesmos as suas identidades, eles nascem e socialmente adquirem-nas, pois elas “emergem dos processos interactivos que os indivíduos experimentam na sua realidade quotidiana, feita de trocas reais e simbólicas.” (*idem*)

Por não serem inatas, mas construídas socialmente, podemos considerar este processo como sujeito a mudanças diacrónicas, isto é, que “A construção da identidade, seja individual ou social, não é estável e unificada – é mutável, (re) inventada, transitória, e, às vezes, provisória; subjectiva; a identidade é (re) negociada e vai-se transformando, reconstruindo-se ao longo do tempo.” (*ibidem*)

E, pensando na história social de construção da identidade da mulher, podemos perceber que ela se constrói numa relação de subalternidade ao género masculino desde os tempos mais remotos da história da humanidade. Muraro (1992), *apud* Fonseca (s/d: 1), diz, por exemplo, que a supremacia do homem sobre a mulher começou nos tempos de caça aos grandes animais, uma vez que no período de culturas de colecta e de caça de pequenos animais, até nas primeiras sociedades agrícolas, os grupos humanos eram matrifocais e matrilineares, pois, ao homem, não era reconhecida a sua função reprodutiva e, conseqüentemente, de paternidade, já que

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Donizete. (s/d). *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Lisboa.

<sup>2</sup> Nosso sublinhado.

A descoberta da paternidade levou também à necessidade do controle da sexualidade e, portanto, ao estabelecimento de uma efetiva relação de poder no qual a supremacia masculina passou a se estabelecer, principalmente, através da noção de *moralidade*, que pode ser descrita como o controle social a partir do próprio oprimido através de regras criadas pelos dominantes e que servem para manter os dominados internamente oprimidos, enquanto os dominadores podem romper as regras inventadas por eles próprios, sem qualquer sentimento de culpa. (*ibid.*)

Todavia, a história e a sociedade não se mantiveram estáticas. Há tentativas de superação desses papéis (ou dessas identidades) tradicionais, pelas mulheres, através da ampliação de sua consciência com relação aos papéis que lhes eram impostos e da necessidade urgente de construir uma identidade feminina (neste caso, nova), enquanto seres sociais.

É dentro desta nova abordagem que se enquadra o tema desta nossa dissertação de mestrado, intitulada *A nova identidade feminina proposta por Paulina Chiziane em Niketche*, pois, para nós, este romance de Paulina Chiziane aparece na literatura moçambicana como um instrumento através do qual a autora cria condições de superação de identidades tradicionalmente imputadas às mulheres moçambicanas (todas as mulheres moçambicanas), mas, principalmente, àquelas que hoje vivem no século XXI, como uma saída ou possibilidade de honra.

Neste sentido, adoptando uma abordagem teórica-constructivista das relações de género, pois consideramos as identidades feminina e masculina não como biologicamente determinadas, mas socialmente construídas, e a abordagem teórica de Pierre Bourdieu, que considera que os indivíduos (homens e mulheres) incorporam e interiorizam um sistema de disposições ao longo do seu processo de socialização, que guiará as suas escolhas e suas acções, pretendemos, neste trabalho, demonstrar que *Niketche*, de Paulina Chiziane, se constitui como um espaço especial de apresentação de uma identidade positiva para a mulher – a que aqui designamos de “nova identidade”.

Com vista a alcançar o nosso objectivo, consideramos pertinente abordar os aspectos bíblicos que, ao longo da história, terão contribuído para as relações misóginas entre homens e mulheres, para, de seguida, abordarmos a condição e/ou situação da mulher em Moçambique e, enfim, estabelecermos um elo de ligação com as teorias libertárias da mulher, rumo à leitura e/ou análise do processo de apresentação de uma nova identidade feminina em *Niketche*, de Paulina Chiziane.

A opção pelo tema não tem apenas um cariz pessoal, cuja base é a identificação com a situação de muitas mulheres que, até hoje, vivem oprimidas, subalternas e como

objectos nas mãos de muitos homens, mas também visa responder a uma preocupação social, pois estamos certas de que, apesar de muitas conquistas, ainda persistem em nossa sociedade fortes motivos culturais que ainda oprimem as mulheres. Acreditamos que muitas mulheres, mesmo tendo alcançado espaços de poder (política, cargos de chefia, etc.), ainda vivem uma dupla jornada de trabalho (cuidam dos filhos e cumprem os afazeres domésticos), mulheres usadas e depois descartadas como objectos, condenadas a viver eternamente sob o poder de um estigma (HIV/SIDA), porque, em nome da virilidade, muitos homens trocam de mulheres como se de objectos se tratasse.

E a questão agudiza-se cada vez mais pelo facto de existir um discurso oficial, exageradamente utilizado pelos políticos, que incentiva maior número de mulheres a participarem na vida pública e política, a conseguirem um nível superior, a terem um emprego remunerado como forma de emancipação, o que sob nosso ponto de vista é uma falácia, visto que essas mesmas mulheres com curso superior e emprego, com possibilidades de ascender a cargos na vida pública, ainda não conseguem negociar por maior igualdade na vida conjugal e na comunidade. Senão vejamos: na divisão do trabalho doméstico, ainda se assiste a uma disparidade, pois, apesar do trabalho fora de casa, elas devem cumprir com os afazeres domésticos, o que leva a mulher a ter uma jornada dupla. Na questão da sexualidade e da reprodução, poucas vezes têm voz para expressar sua satisfação sexual e para negociar o número de filhos que querem ter. Na gestão da casa, embora o critério de gestão seja a partilha, à mulher cabe a compra de bens de pouco valor social. Enfim, ainda há prevalência de relações desiguais entre os homens e mulheres, resultantes do machismo, o que tem contribuído para a prevalência da identidade negativa.

Todos estes factos, aliados à instrumentalização da mulher nos meios de comunicação social, a sua utilização como meio fácil para transporte de drogas e ao seu tráfico para prostituição, fazem-nos pensar com seriedade na urgência de uma nova identidade para a mulher, o que encontramos descrito nas linhas de *Niketche*, de Paulina Chiziane



## II - CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

### 1.1. OS PRESSUPOSTOS BÍBLICOS SOBRE A CONDIÇÃO E POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER NO MUNDO E NA CRIAÇÃO

É comum a ideia de que, durante muito tempo, a interpretação da Bíblia tenha sido feita por cientistas masculinos, o que muito contribuiu para que todas as representações femininas fossem vistas sob o ponto de vista masculino e que este livro sagrado para o Cristianismo, isto é, a palavra de Deus, fosse «usada ou abusada para legitimar o sexismo, da mesma maneira que foi usada ou abusada para legitimar o racismo e a divisão de classes» (Okure, 2010: 31). Por essas interpretações, foram criados e impostos tabus massacrantes sobre as mulheres, o que condicionou, até aos dias de hoje, a domesticação de muitas delas, principalmente as de África, onde os valores culturais têm grande poder social nas relações entre sexos.

Uma vez que a nossa abordagem está voltada para as discussões em torno da identidade da mulher, não só, mas também porque a Bíblia Sagrada Cristã tem funcionado como intertexto mais recorrentemente privilegiado (cf. Ferreira, 2012) no romance *Niketche* de Paulina Chiziane, torna-se importante, antes de mais, reflectir em torno do percurso histórico sobre as origens dos discursos misóginos actuais, pois o facto de que a mulher e o homem vivem uma relação hierarquizada pode ser visualizado ao longo da existência da própria Humanidade. E porque só do balanço desta pesada herança do passado, um passado longínquo, é possível forjar um futuro e uma outra sociedade para a mulher, a nossa reflexão partirá do Génesis, pois do Génesis ao Novo Testamento, textos escritos sob influência da tradição judaico-cristã, são-nos oferecidas muitas possibilidades de leitura sobre a condição e a posição da mulher e do prestígio viril (Beauvoir, 1967), tal como atestam as citações que a seguir apresentamos das autoras Souza e Martins, respectivamente:

A tradição judaico-cristã é predominantemente misógina. O androcentrismo está impenhado nos textos tidos como sagrados, nas doutrinas, nos códigos internos, na tradição e nos cantos, isto é, no modo de exercitar as suas respectivas religiosidades. O sagrado está estreitamente relacionado ao homem enquanto a maldade ao elemento feminino. Relacionar a masculinidade ao divino legitima a superioridade das qualidades concebidas como masculinas, em última instância, cria as identidades de género como bem afirmou Lemos “se sentir como alguém especial para o sagrado é fator de grande peso positivo na formação de uma identidade [...]”. (Souza, 2004: 10)

Ou



Ao longo dos séculos a narrativa mítica do Génesis tem amparado, simbolicamente, a construção histórica de um pensamento misógino que afirma a inferioridade feminina e a necessidade de sua submissão ao domínio masculino. Mas não se pode compreender o que tem sido dito em relação ao feminino na cultura cristã, sem considerar as dimensões simbólicas e míticas que estão em suas origens. A narrativa mítica do Génesis é o relato fundador da cultura judaico – cristã; é um mito e enquanto tal cumpre o papel de estabelecer as normas de convivência entre homens, fornecendo modelos de comportamentos e atuando na construção de uma identidade individual e colectiva. (Martins, s/d: 1)

E, de facto, tudo começa pelo Génesis, esta narrativa mítica sobre a origem do mundo e da Humanidade, o que justifica a opção pela epígrafe, segundo a qual, «NO PRINCÍPIO era o Verbo (...)», justificando o eterno poder que as palavras têm para determinar estados de coisas. E acreditamos que o Génesis explica que o homem foi criado à semelhança e imagem do Deus-Criador. E depois, para suprir a solidão do homem, foi criada a mulher (Eva), a partir da costela de Adão, criando-se, assim, para aquela, um destino terrivelmente estreito. Vejamos o que conta o Génesis sobre a criação do homem e da mulher:

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente [...]. E disse o senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; *far-lhe-ei uma adjutora*<sup>3</sup> que esteja como diante dele [...]. Então o senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne e seu lugar. E da costela que o senhor Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne. (Gn. 7; 18; 21-24)

Literalmente, este discurso bíblico nada tem de errado. Parece tudo muito automático. Deus cria a mulher para ser companheira do homem e, de acordo com o discurso de Adão, Eva é tal qual ele, uma vez que é criada da sua própria carne, isto é, da sua essência. E “nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como, também, o senhor à igreja.” (Ef. 5, 30)

---

<sup>3</sup> Sublinhamos esta passagem bíblica pelo facto de ser ilustrativa de que, aquando da criação de Eva, Deus a colocou no mundo como uma “ajudadora”. E muito significativo é o fato de o próprio Criador referir que ela estaria como que diante dele. Em nenhum momento deste discurso da criação do homem e da mulher se faz referência a condição de subalternidade a que é votada a mulher em nossa sociedade. Como referiremos mais tarde, a fonte dos discursos misóginos adoptados pelas culturas judaico-cristã e nossas centram-se no momento da queda do homem pelo pecado original. A tradição judaico-cristã começa já a interpretar o facto de a criação da mulher ocorrer num momento segundo, simplesmente por esta ser um ser frágil, facilmente corruptível, que carece da protecção e da orientação de um ser primeiro, o próprio homem. A partir daí começaram todas as ondas de dominação e de subjugação da mulher.

E, acima de tudo, é referido nesta abordagem genesíaca que, pelo casamento, os dois formam uma só carne, não havendo, por isso, possibilidades de dominação e subjugação, o que nos é confirmado por Silva, pois «O homem e a mulher eram iguais e viviam em perfeito equilíbrio com a natureza» (Silva, 2012: 3).

Se assim é, deve ser consensual que os discursos misóginos começam com a narração da tentação e queda do homem, no capítulo 3 deste livro sagrado iniciático: «E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela» (Gn. 6). Para nós, este ato de Eva e, posteriormente, a expulsão do paraíso e os castigos profetizados a todas as gerações futuras descendentes de Eva, levaram teólogos e estudiosos da Bíblia a afirmarem que Eva carecia de uma força moral, sendo, por isso, portadora de um signo perverso, menos racional e mais profana. Por este motivo, Eva tornou-se inferior a Adão, o que justifica a sua criação em segundo plano no processo da criação da humanidade, pois, segundo Silva,

Eva desafiou o poder do criador, usando de seu poder de sedução para desencaminhar Adão; em consequência, teve sua liberdade limitada e, restrito ficou seu espaço dentro da sua sociedade. Eva se ocupa do espaço interno e privado, o campo dos sentimentos, da fragilidade, da doçura, do amor; sua responsabilidade é parir e cuidar dos filhos, do lar e do bem estar do homem dentro desse ambiente. (Silva, 2012: 5)

Assim, Eva e todas as mulheres, na tradição judaico-cristã, e não só<sup>4</sup>, mas também as mulheres de todos os tempos e lugares, e em todas as áreas políticas, económicas e culturais desenvolvidas ao longo da cultura judaico-cristã (não nos esqueçamos que, pela colonização, Moçambique “bebeu”, também, daquelas ideologias provenientes do Ocidente Cristão), passaram a ser objecto simbólico do mal e da fraqueza, um ser secundário e dependente material e temporalmente do homem, o que pressupõe a inferioridade feminina e justifica toda a prática da opressão e domínio do homem sobre a mulher. Criou-se assim uma “eterna” hostilidade ao feminino que pode ser sentida em várias passagens bíblicas do Antigo e Novo Testamento (AT e NT).

No livro de Levítico, por exemplo, ao falar-se da purificação da mulher depois do parto, faz-se o seguinte discurso:

---

<sup>4</sup> Importa referir que, para além dos pressupostos culturais que regem as nações africanas, todas elas foram muito influenciadas, através da colonização, pelas tradições culturais judaico-cristãs, tanto pelo cristianismo quanto pelo islamismo, duas religiões professadas pelos moçambicanos.

(...) Se uma mulher conceber e tiver um varão, será imunda sete dias; assim como nos dias da separação da sua enfermidade será imunda. (...) Depois ficará ela trinta e três dias no sangue da sua purificação; (...) Mas se tiver uma fêmea, será imunda duas semanas, como na sua separação; depois ficará sessenta e seis dias no sangue da sua purificação. (Lv. 2; 4-5)

Conseguimos perceber, através das palavras deste ritual purificador pós-parto, o quanto é reforçada esta ideia da inferioridade da mulher através dos modelos paradigmáticos de mulher tipificados na figura pecadora de Eva. Podemos então concluir, pelos dizeres deste ritual, que à mulher, desde a nascença, lhe é negado o seu estatuto sociocultural. A sua morte social lhe é definida logo ao nascer. E é muito interessante como esta ideia divulgada a partir do Génesis atravessa épocas e chega ao tempo de Jesus Cristo e dos seus apóstolos.

O evangelista Mateus, no capítulo 14, ao falar da multiplicação dos pães e peixes, faz o seguinte comentário: «E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças.» (Mt 21) É impressionante como a mulher pouco conta no universo narrativo deste evangelista que, apesar de ser seguidor de Cristo, ainda se mantém iluminado pelas teorias dominadoras e sexistas propagadas pela sua cultura.

No evangelho de João, é-nos revelada uma situação de adultério, na qual a mulher deveria ser apedrejada por ser encontrada em flagrante delito: «Mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas.» (Jo 8, 5). Porquê apedrejar apenas a mulher? E o homem? Que será feito dele?<sup>5</sup> Na linha da queda do homem por influência da mulher, a culpa é e será sempre da mulher. Não nos esqueçamos que foi por culpa de Eva que Adão desobedeceu ao seu Deus e Senhor e comeu o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. É a mulher que tem moral fraca, por isso deve ser apedrejada, de modo a evitar a perpetuação da imoralidade na sociedade. O mal deve ser cortado pela raiz, diz o ditado. A raiz do pecado é a mulher. Logo, é ela quem deve ser apedrejada.

Apesar de o Grande Mestre, Jesus, ter tomado uma atitude “protectora”, e de certa forma desconstrutivista das relações entre sexos, relações de dominador e dominado, forte e fraco, as palavras deixadas pelo apóstolo Paulo nas suas cartas muito colaboram para a perpetuação das ideias misóginas nas relações entre o homem e a mulher. Em I Timóteo,

---

<sup>5</sup> Ainda hoje, mesmo com muita informação a circular sobre a igualdade de género, muitas regiões árabes obedecem a esta regra de apedrejamento de mulheres apanhadas em flagrante adultério (Rajam ou Rajm). Isto quer dizer que ainda há barreiras culturais que se mantêm intransponíveis.

por exemplo, Paulo fala dos deveres das mulheres: «A mulher aprenda em silêncio (...). Porque primeiro foi formado Adão. Adão não foi enganado.»

O silêncio, condição a que muitas mulheres estão sujeitas em nossas sociedades: deve calar-se, sujeitar-se às vontades do homem em total obediência sem expressar as suas vontades e desejos. Porque, quando teve a sua oportunidade, ela conduziu a humanidade por caminhos de muito sofrimento e dor. E o apóstolo Paulo faz menção a algo significativo no versículo 13: «Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.»

A ideia da secundarização da mulher, isto é, a sua criação como auxiliar<sup>6</sup>, irá orientar todas as convenções sociais relativas ao matrimónio, tal como atestam as palavras de Martins (s/d: 8): “O episódio do pecado original só fez piorar as coisas para o sexo feminino (confirmando a inferioridade racional da mulher originada no momento da criação), a partir do qual Deus sentencia: «O teu desejo será para o teu marido e ele te dominará.»” Esta apresenta-se como uma cruel sentença do Criador, pois é assim que vivem as mulheres. Elas amam, entregam-se e dedicam toda a sua vida a um homem que pouco faz para as merecer. E, acima de tudo, acha que é assim que ela deve agir porque este é o papel de toda a mulher: cuidar deles (dos homens), da sua roupa, dos filhos e aceitar sem reclamações as suas ausências e infidelidades.

Esta ideia da dominação masculina sobre a feminina é também atestada em Tito II (a); I Pedro 3 (b); Romanos 11 (c); Efésios 5 (d):

- a) As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver (...) para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos. A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada. (vv.3-5)
- b) Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos, para que também, se alguns não obedecerem à palavra, pela parte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra. Considerando a vossa vida casta, em temor. (...) Como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor (...). Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida; (...). (vv. 1-2; 6-7)
- c) Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o varão, e o varão, a cabeça da mulher; (...) Mas toda mulher que ora e profetiza com a cabeça, porque é como se estivesse rapada.(vv. 3 e 5)
- d) Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja (...). De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. (vv. 22-24)

---

<sup>6</sup> O ser “auxiliar”, neste sentido, é para nós sinónimo de “dispensável”. Algo alternativo e que não faz falta a ninguém. É por este motivo que muitas mulheres viveram durante anos como seres sem rosto, dominadas pela vontade e poder masculinos.

De certa forma, nestas palavras de Paulo, estão reflectidos todos os pressupostos do mito do “eterno feminino”<sup>7</sup>, as circunstâncias do aprendizado da condição feminina, o estreito universo em que a mulher está encerrada e as evasões que, dentro dele, lhe são permitidas. (Beauvoir, 1967).

Sob nosso ponto de vista, o último desiderato inscrito em Tito sugere que a mulher não deve tentar inverter esta ordem, pois tal implicaria «uma tentativa contra o *corpus* sagrado que controla a produção dos bens simbólicos.» (Souza, 2004: 11). E, de acordo com os pressupostos de I Pedro, se a mulher levou o homem ao pecado, pela desobediência à palavra de Deus, então, ela mesma deveria ser o motivo pelo qual este mesmo homem voltaria a Deus. Parafraseando Paulo, na carta aos Hebreus, diríamos que, se por causa de uma mulher veio a dor, a desgraça e a queda do homem, por causa dessa mesma mulher deveria vir a salvação para esse mesmo homem.

Ficou claro que esta identificação da mulher com tudo quanto é negativo não se limitou à expressão mitológica do Génesis. Lopes (s/d: 3) afirma que

Platão sugere que a mulher seria a reencarnação da alma de um homem que, em vida anterior, teria sido dissoluto e que agora recebia o castigo; Aristóteles afirmou que as mulheres e os escravos devem viver para servir a uns poucos privilegiados, além de situar que na relação homem-mulher o homem é o beneficiador e a mulher a beneficiada.

Silva (2012: 5) comenta este facto e refere-se às possíveis consequências desta desobediência do homem a um preceito do criador:

Adão, no momento que prefere Eva, conseqüentemente, desobedece a Deus, tem dele retirada a sensibilidade emotiva, o potencial da manifestação de afeto, este de foro interno e privado; desta maneira, esse assunto passa a ser proibido aos homens, e o macho deve manifestar sua função dominante sobre a terra, o sistema e a mulher, ou seja, cuidar de assuntos de foro público e notório.

Aqui está a resposta para todos os comportamentos do homem e para a construção do destino social e tradicional da mulher. As palavras de Silva justificam toda a frieza com que o homem trai a mulher; o jeito com que encara o facto de acumular ao seu redor várias mulheres, com intuito de manifestar a sua virilidade. Por este motivo, o mundo masculino considera a dominação masculina justa, no sentido de que ela é exercida para benefício daqueles que são dominados – a mulher – e não um simples interesse individual do dominador, pois

---

<sup>7</sup> Terminologia usada por BEAUVOIR.

É da submissão feminina que depende a harmonia do casal desde o primeiro instante da criação e se a preeminência masculina sobre as mulheres se embruteceu, o foi por consequência direta e justa pela culpabilidade de Eva. [Delume (1993), apud Martins, s.d.: 9]

Certas ou erradas, estas ideias e representações acerca do feminino se mantiveram até aos dias actuais nas relações entre os sexos. E a reflexão em torno destas é responsabilidade de toda a sociedade, no sentido de reverter o cenário. Pois consideramos que é em nome desta superioridade que muitos homens têm perpetrado comportamentos misóginos na nossa sociedade.

## **1.2. A CONDIÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE: SUA POSIÇÃO EM RELAÇÃO AO HOMEM**

Moçambique é um país da África Austral, localizado na costa Oriental de África e é banhado pelo Oceano Índico. Moçambique faz fronteira com a África do Sul, Suazilândia, Malawi, Zimbabwe, Zâmbia e Tanzânia e é constituído por onze províncias: Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Tete, Zambézia, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo Província e Maputo Cidade.

Tal como muitos países africanos, Moçambique também passou por um longo período de colonização, levada a cabo por Portugal, durante 470 anos, após os quais, o país se tornou independente, a 25 de Junho de 1975. A sua população é multiétnica, pertencente ao grupo bantu, presente em toda a África subsaariana:

Os principais grupos étnicos de Moçambique são constituídos por numerosos subgrupos com diversas línguas, dialectos, culturas e histórias. Muitos estão ligados a grupos étnicos semelhantes que vivem nos países vizinhos. Os Makua são o grupo dominante na região Norte; os Sena e os Ndau são proeminentes no Vale do Zambeze e os Shanganes (Tsonga) dominam a região Sul. Outros grupos incluem os Makonde, Yao, Chopi, Shona, Ronga e Nguni<sup>8</sup>. Existe um pequeno grupo de europeus, a maioria de ascendência portuguesa e uma minoria mulata. Uma pequena comunidade asiática, na sua maioria de origem paquistanesa e goesa, estabeleceu-se em Moçambique e especializa-se na prática do comércio e da pesca, respectivamente. Na área costeira houve influência de comerciantes costeiros islâmicos e colonizadores europeus, mas as pessoas do interior de Moçambique mantiveram a sua cultura indígena baseada no culto dos antepassados, no animismo e na prática da agricultura de pequena escala. (ASDI, 2007: 10)

Após um longo período de dominação colonial, no ano de 1977, o país entra numa fase muito triste da sua história: a guerra civil, que foi liderada pela RENAMO, e que veio

---

<sup>8</sup> A ASDI não referencia neste documento sobre o perfil das relações de género, o grupo Chuabo, que se encontra na província da Zambézia, região Centro de Moçambique, uma das mais populosas de Moçambique.

a durar 16 anos. E, após este longo período, a 4 de Outubro de 1992, celebra-se o Acordo Geral de Paz, em Roma, entre a FRELIMO e a RENAMO, os dois mais influentes partidos políticos existentes no país. De lá para cá, muitos percursos estão sendo feitos rumo à erradicação da pobreza absoluta.

No tocante à condição da mulher, é importante referir que, em Moçambique, como em toda a África, a mulher é considerada símbolo de vida, ela é relacionada com a mãe terra que gera a vida. E é precisamente por este motivo que em muitas regiões do país, as mais tradicionalistas, a mulher deve dar à luz o seu filho/a deitada na terra, pois existe a concepção, segundo a qual, entre elas existe profunda relação intrínseca. Esta concepção de mulher é-nos trazida por Afonso (s/d: 1) ao dizer: “A cultura africana, em especial na etnia Bantu, privilegia a mulher enquanto figura simbólica responsável pela formação de suas comunidades de origem. Contudo, apesar desta privilegiada concepção, a prática real é muito contraditória.”

Pois é contraditória sim, porque, ao lado da deusa mulher (uma analogia com a deusa mãe), existe, também, a figura de uma mulher dominada por uma concepção patriarcal que tem acentuado a misoginia nos relacionamentos entre homens e mulheres. E as normas do patriarcado impõem à mulher uma condição de inferioridade em relação ao homem, pois, de acordo com aquela concepção, a mulher deve conformar-se com um casamento submisso e muitas vezes humilhante. Ela deve sentir-se feliz por cuidar da casa, dos filhos, do marido e da família. Deve aceitar tudo quanto vier do marido, pois ele é o senhor da casa.

Dando continuidade à nossa abordagem, podemos afirmar que a mulher moçambicana é vítima de discriminação contra os segmentos pobres e vulneráveis da sociedade, com discriminação resultante da desigualdade do género. Poucas são as que têm acesso ao emprego formal, como atesta o documento de Amélia et al (2011: 6-7):

Somente 3,9% de mulheres tem acesso ao emprego formal. Nas vilas e cidades dois terços de mulheres trabalham no sector informal especialmente em pequenas lojas o que significa que as mulheres trabalham em locais de pouca segurança concentrando-se deste modo a massa laboral na agricultura 89,3% sendo a agricultura praticada pelas mulheres maioritariamente de subsistência devido aos constrangimentos no acesso aos mercados (...)

Várias organizações não governamentais têm trabalhado na protecção dos direitos da mulher. A título ilustrativo, podemos citar, a partir a década 80, o surgimento de associações de tipo voluntário e fora das redes domésticas e familiares, tais como a

AMODEFA, ACTIVA , MULEIDE, entre outras. Todas elas voltadas para a resolução de problemas vivenciados pelas mulheres de Moçambique.

Com a ajuda destes movimentos feministas moçambicanos, verificou-se um progresso do governo no processo legislativo, uma vez que a Constituição da República de Moçambique propõe a igualdade de sexo e proíbe toda e qualquer forma de discriminação: «O homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural.» (Artigo 36)<sup>9</sup> Na senda deste pressuposto, o Governo Moçambicano divulgou, em Dezembro de 2004, uma nova Lei da Família que, segundo o Relatório da Federação Internacional da Liga dos Direitos Humanos (FIDH) e da Liga Moçambicana dos Direitos da Mulher (LMDM)<sup>10</sup>, «É uma ruptura clara com o passado e uma nova página na vida das mulheres. A Lei anterior estava baseada numa visão meramente patriarcal cimentada na desigualdade.» (2007: 7)

Diferentemente da anterior, a nova Lei da Família estabelece uma completa igualdade de género no casamento, no divórcio, na guarda das crianças e na divisão dos bens das crianças, uma vez que:

Expressamente, exclui toda a discriminação contra a mulher, seja na área da poligamia, herança, idade para casar, opção das crianças, estatuto da viúva, etc. Requer que os maridos paguem uma pensão aos filhos no caso de divórcio. Os maridos já não são automaticamente considerados chefes de família com a autoridade paternal substituída pela autoridade parental. (*ibid.*)

O citado Relatório afirma também que Moçambique assinou e ratificou todos os textos normativos internacionais e regionais relativos aos direitos das mulheres. Todavia, a realidade moçambicana está totalmente desconectada da Lei proposta, visto que a mentalidade das pessoas não caminha ao mesmo ritmo que o sistema jurídico: ainda existem algumas barreiras culturais que continuam remetendo a mulher moçambicana para o segundo plano.

Por exemplo, em muitas regiões do país, as mulheres casam-se muito cedo, alegando-se que seu lugar não é na escola mas em casa, cuidando do marido e dos filhos. Muitas mulheres moçambicanas vivem casadas com homens machistas que acham que casar-se com uma mulher é fazer-lhe um grande favor, uma vez que o número das

---

<sup>9</sup> MOÇAMBIQUE. (2006). *Constituição da República de Moçambique*. Maputo, Plural Editores.

<sup>10</sup> FIDH & LMDM. (2007). *Direitos da Mulher no Moçambique: dever de terminar práticas ilegais*. Nova Iorque.



mulheres é superior ao dos homens. Daí que, muitas delas, até hoje, mesmo com muita informação sobre emancipação a circular, preferem estar ligadas a um homem machista com medo de serem mal faladas pela sociedade. Uma mulher que se divorcia em nossa sociedade está a dizer ao mundo que ela não consegue viver com um só homem mas precisa de muitos, o que constitui uma concepção negativa na identidade da mulher.

Outro exemplo é o da poligamia, uma prática muito comum no país. As mulheres são “forçadas” a partilharem o mesmo homem em nome da tradição. Os próprios homens afirmam que é típico dos africanos ter mais de uma mulher e é o número de mulheres e de filhos que determinam a virilidade de um homem.

Claramente, podemos perceber como o peso da tradição é muito forte em África e em Moçambique. Um ponto crucial, que muitas polémicas tem levantado na actualidade, é o das viúvas. Os hábitos tradicionais de Moçambique e de África excluem-nas durante a partilha de propriedades e bens pertencentes ao falecido. São muitas vezes expulsas de casa<sup>11</sup>, após a morte do marido, porque existe a concepção de que os bens pertencem ao homem. A partir daqui, podemos perceber a situação por que passou Rami, a protagonista de *Niketche*, quando se deu a mal-entendida morte de Tony. Os familiares do marido carregaram todos os bens da casa, deixando-a na miséria, alegando que os mesmos tinham sido adquiridos com esforço e suor de seu familiar.

Todas estas práticas revelam que existe uma resistência à mudança não só por parte da população pobre e analfabeta, mas até entre a massa alfabetizada da sociedade, a classe média e alta da sociedade moçambicana. Os motivos são-nos apontados no Relatório do FIHD e LMDM (2007: 12):

Os motivos destas oposições incluem a salvaguarda das tradições como forma de preservação da identidade moçambicana. Muitos moçambicanos vêem estas tradições como sendo muito típicas da cultura moçambicana e por isso devem ser fortificadas, não enfraquecidas. Finalmente, alguns sentem que as mulheres não devem abandonar o seu papel de conservadoras destas tradições.

E não só: «A oposição masculina a qualquer mudança genuína em relação ao género, geralmente explica-se pelo medo de competição feminina nas arenas pública e política.» (*ibid.*) É importante notar quão tamanha é a responsabilidade da mulher em contexto africano e moçambicano. Aqui encontramos uma estreita ligação da cultura

---

<sup>11</sup> Esta situação é encontrada em *Niketche*, quando, supostamente, Tony tinha sido dado por morto. A sua família apoderou-se de todos os bens e deixou Rami e os filhos na miséria. Infelizmente, esta é a triste realidade das mulheres num país onde a tradição fala muito mais alto que os poderes jurídicos.

africana/moçambicana com os pressupostos culturais perpetrados a partir do Génesis: ela, a mulher, a mais frágil, deve guardar as leis e tradições; mais uma vez o jugo da dominação, porque só os servos guardam os preceitos dos seus senhores. Assim foi e assim deve ser. Um paradoxo para uma sociedade que se diz globalizada.

Esses signos culturais (tabus e proibições) condicionam todas as potencialidades da mulher moçambicana e definem para ela “valores” que deve assumir. E é em nome das tradições que muitas mulheres moçambicanas se mantêm caladas, subjugadas por um ser impiedoso – o homem -, que as obriga a aceitar as suas leis sem reclamações; é em nome das tradições que muitas mulheres aceitam viver em condição de poligamia, amantismo, com receio de perder o marido porque uma mulher divorciada não tem estatuto social em nossa sociedade; é em nome das tradições que muitas delas contraem o vírus do HIV/SIDA, pois aceitam viver num mundo de “partilha”: partilha do seu homem com um número infinito de mulheres, mulheres também subjugadas pela tradição pois, ao aceitarem viver sob o jugo de um mesmo homem, deste ser primeiro do acto criador do grande Deus, assumem-se dominadas e secundarizadas.

Se a tradição é tudo isto, o futuro da mulher moçambicana permanecerá doméstico. Independentemente do seu estatuto socioeconómico, ela continuará sujeita aos domínios de uma sociedade que valoriza os preceitos patriarcais, tal como atestam os seguintes dizeres de Chiziane:

Em Moçambique, como em qualquer parte de África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de facto merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para a mulher. (Chiziane, *apud* Freitas, 2012: 2)

Se pensamos que esta onda de machismos é comum apenas na região Sul de Moçambique, onde, por causa do “lobolo”, a mulher é considerada propriedade do homem, estamos completamente enganados. Os princípios do patriarcado têm dominado também as regiões Centro e Norte de Moçambique. O recente livro da autoria de Mia Couto, *A Confissão da Leoa*<sup>12</sup>, é revelador da realidade acima apresentada. Este romance apresenta como espaço da história a região de Kulumani, situado a Norte do país, na província de Cabo Delgado, região que muitos estudos afirmam ser dominada por laços matrilineares.

---

<sup>12</sup> COUTO, Mia. (2012). *A Confissão da Leoa*. Maputo, Ndjira.

Porém, tal como atesta Ferreira (2012: 19), este «microcosmo muito específico, deteriorado pela guerra, a superstição (...)» também é invadido pela “violência doméstica”, isto é, o Norte também é invadido por orientações machistas muito profundas que nos levam a pensar numa possível intertextualidade com o universo narrado por Paulina Chiziane. Mariamar, por exemplo, uma das narradoras-personagem do romance, revela, através dos seus discursos, todas as humilhações vividas pelas mulheres de sua região. Diz, por exemplo, no seu diário, que a mãe não é dona da sua vontade (Couto, 2012: 24), que «Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir?»<sup>13</sup>» (*ibid.*: 28). Estas passagens são reveladoras do imenso poder masculino no universo de Moçambique. Tão imenso que não é aceitável que uma mulher enfrente o homem pelo olhar, pois tal acto implicaria falta de respeito (vide *A Confissão da Leoa*, página 28, último parágrafo).

O outro narrador-personagem do citado romance de Mia Couto, o caçador Arcanjo Baleiro, faz referência a uma prática muito comum na província de Manica, região localizada no Centro de Moçambique, onde, pelo *Kusungabanga*<sup>14</sup>, os homens, antes de emigrarem para trabalhar fora da cidade ou de casa, costuram a vagina da mulher com agulha e linha para impedir que ela tenha relações sexuais com outros homens.<sup>15</sup> Muitas vezes, por esta prática, as mulheres têm contraído infecções.

Voltamos mais uma vez ao preceito construído pelas tradições judaico-cristãs, segundo o qual foi pela mulher que o pecado entrou no mundo. É ela o sexo fraco, a irresponsável e incapaz de fazer prevalecer a sua vontade própria. E questionamo-nos: porque é que tal prática não é feita ao homem? A resposta é óbvia: o homem pode tudo; afinal de contas a virilidade de um homem é medida pela sua capacidade de manter sob seu domínio maior número de mulheres e de filhos. Mulheres dominadas e subjugadas por um preceito da tradição.

A tradição dita a ordem e constrói assim para as mulheres uma identidade que as enclausura, pois elas são excluídas, apartadas e apagadas do cenário social, até ao ponto de muitas delas nem sequer terem coragem para se pronunciarem sobre situações que afectam

---

<sup>13</sup> Como veremos durante a análise, a narradora-personagem de *Niketche* é muito insistente nesta questão de a mulher ter vontade própria. E questiona: «Mas será que algum dia tive desejos?» (Chiziane, 2002: 20)

<sup>14</sup> Termo que na língua de Manica significa «fechar à faca».

<sup>15</sup> Leia-se *A Confissão da Leoa*: 218-219.

a sua existência. Muitas se reformaram e aceitaram pacificamente a sua condição, viajam na onda do destino, acomodadas na corrente e nas ondas dos princípios construídos por uma cultura ditadora e massacrante. Favorável a uns mas desfavorável para outros.

Formadas ou não, a sua condição está ligada aos deveres de casa: elas ainda saem do serviço a correr, porque devem preparar a refeição para o esposo que está no trabalho, engomar a roupa dele, preparar o seu pequeno-almoço, lavar a sua roupa e viver eternamente para satisfazer sexualmente o seu senhor. Pois, de acordo com Cumbi (2009: 2-3):

Ao nível das representações familiares, partilha-se a ideia de que uma mulher pode estudar e trabalhar, mas tem de saber, acima de tudo, cozinhar, cuidar dos filhos e da casa. Por outras palavras, ela tem de ser excelente mãe e esposa mais do que estudar e trabalhar. Caso contrário, ela pode ser tida como não mulher, longe do padrão de mulheres valorizadas pela sociedade. Por causa disto, por um lado, a igualdade de género é tida como atingida pela possibilidade, por exemplo, de muitas mulheres terem acesso ao espaço público. Por outro lado, todo o comportamento que procura inverter os papéis de mãe e esposa, vistos como fundamentais para a estabilidade conjugal, é representado como desviante, promotor de instabilidade conjugal e de divórcios.

Pois, ainda que ela trabalhe, a partilha de despesas pelo casal

não é igualitária, uma vez que às mulheres é reservado o pagamento de despesas que não lhes conferem prestígio social e as remete à domesticidade e à dominação, como ilustram as entrevistas seguintes: “geralmente ajudo em pequenas coisas lá em casa, na alimentação, faço alguns pagamentos, coisinhas assim leves (esposa 1). (...). Por seu turno, os homens ocupam-se da aquisição de bens duráveis como terrenos, moradias, mobília e electrodomésticos. Estes bens além de duráveis conferem-lhes honra, prestígio e, muitas vezes, são registados em seu nome, justificando-se que tudo o que está em nome do marido é da esposa. (*ibid.*: 3)

E são estas normas que também têm regido os comportamentos sexuais e reprodutivos da mulher moçambicana. Com prazer ou sem prazer, cansada ou não, ela deve estar disponível para o seu marido, pois, caso contrário, ele vai sair para procurar outra mulher. Assim aprenderam de suas mães antes de entrarem para o casamento e assim educam as suas filhas, na senda da reprodução proposta por Pierre Bourdieu, *apud* Cumbi (2009: 5):

As mulheres são socialmente preparadas para viverem a vida sexual como uma experiência íntima e fortemente carregada de afectividade que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode englobar um vasto leque de actividades, enquanto os rapazes são ensinados a conceber a sexualidade como um acto agressivo e violento orientado para a penetração e para o orgasmo.

O medo reside no facto de não perder o marido para outra, uma vez que uma mulher divorciada é uma mulher sem estatuto, desvalorizada e desrespeitada pela sociedade. Sempre a sociedade a construir “preconceitos”.

Os filhos (homens) são educados para trabalhar fora. Em casa, o filho não lava a louça, não varre a casa, não engoma a sua roupa. A sua irmã, essa sim, deve fazê-lo pelo irmão, porque ele é homem e lugar de homem não é na cozinha. Vive-se assim a perpetuação de um estado de submissão por parte da mulher e de dominação por parte do homem. Esse homem assim moldado, levado e transportado para o lar, claramente irá perpetrar atos de dominação e desvalorização sobre a mulher, porque foi assim que ele foi educado.

Mas, apesar de todos estes contratemplos, mulheres há que procuram despertar a deusa que há nelas, tal como afirma Mariamar em *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto: «Deus já foi mulher» (Couto, 2012: 15). E a eterna luta da mulher é esta: voltar a esse dia, fazer com que a mulher encontre o seu lugar na sociedade, que o homem perceba que precisam delas, que elas são suas “ajudadoras” e não suas escravas.

Apesar dos fracassos e derrotas, algumas vozes se erguem. Iluminadas por outras vozes que um dia desconstruíram “valores” e romperam barreiras jamais rompidas. E Moçambique não é exceção. Vejamos a seguir os primeiros passos rumo à tal desconstrução.

### **1.3. DA TRADIÇÃO À CONSOLIDAÇÃO DOS IDEAIS DA LIBERDADE DA MULHER**

Tudo quanto dissemos toca no âmago de um antigo problema que, durante anos, permaneceu sem nome, intacto e mergulhado na mente de muitas mulheres: o problema da sua identidade. Quem sou eu (mulher)? É a questão que não se quer calar. Será que a vida (a da mulher) se resume a arrumar cama, preparar a refeição, fazer compras, comer com os filhos e deitar-se ao lado do marido?

Um questionamento que durante anos ficou guardado e silenciado pelo poder da tradição que sempre orientou a mulher para viver a sua feminilidade, agarrada ao seu homem de modo a conservá-lo junto a si, a amamentar os filhos e a orientá-los e a resolver todos os seus problemas, pois de acordo com Zolin «a mulher verdadeiramente feminina<sup>16</sup> não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada.» (s/d.: 18)

---

<sup>16</sup> E persiste-se nesta iniciação feminina à rapariga. A sociedade moçambicana praticamente ensina a mulher a ser doméstica e evita fazer o mesmo aos homens, alegando que há tarefas para homens e tarefas para mulheres. Assim foi no passado e assim deve continuar no presente.

O caminho em busca de uma reviravolta começou quase há um século, um longo percurso designado por Friedan como a “vibrante jornada”, feita em busca de uma nova identidade, baseada na luta pelos direitos do sexo feminino:

Foi a necessidade de uma nova personalidade que conduziu as feministas a abrir trilhos inéditos para a mulher. Alguns desses caminhos eram excessivamente árduos, outros não tinham saída e outros ainda talvez tinham sido falsos, mas era autêntica a necessidade da busca. (Friedan, 1971: 70)

Para nós, a autenticidade da busca está no facto de as mulheres (essas mulheres) quererem provar que elas também são humanas pela desconstrução de uma imagem construída desde a criação do mundo:

Precisavam provar que ela não era um espelho vazio, passivo, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objecto a ser usado, incapaz de interferir no próprio destino, antes de começarem a combater pelo direito de igualdade com o homem. (*ibid.*: 71)

Até aqui, é claramente perceptível o forte desejo de desconstrução dos “constructos” feitos à imagem das mulheres, construções que a colocavam para trás, enquanto o homem ia evoluindo e ampliando o seu lugar no mundo e controlando o destino da mulher. E é isso o que acontece na nossa sociedade, uma sociedade que, segundo Mariamar, personagem do romance *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto, obriga «uma mulher (...) a ter filhos, mas que não a deixava ser mãe; que a obrigava a ter marido, mas não permitia que conhecesse o amor.» (Couto, 2012: 204)

Muito fortes aquelas palavras! Reveladoras do estatuto da escravidão em que vivem muitas mulheres de Moçambique, pressionadas por uma força externa que as leva a fazer algo que nem sempre corresponde à sua vontade, uma vontade que lhes foi tirada desde a criação do mundo. Uma reclusão imposta. E aí de quem se erguer contra a tradição!

Não é que a mulher não tenha vontade de evoluir. Não. Ele tem. Mas, por detrás do seu forte desejo de evoluir, está uma grande incapacidade de trabalhar no mundo. É por causa deste medo, que muitas delas até hoje preferem continuar confinadas dentro de casa, sem sair do anonimato e sem forças para reconstruir um novo papel por si desempenhado. Sempre dependeram do homem – e até hoje há muitas mulheres que ainda vivem nessa dependência, principalmente na dependência financeira. Perceberemos esta dependência financeira durante a nossa análise, quando Rami e outras mulheres começam a desenvolver o seu próprio negócio, e Tony sente-se amedrontado. Acusa-as de estarem a faltar-lhe ao respeito. Mas não é nada disso. Ele, como todos os homens, teme que pela independência

financeira a mulher volte ao seu poder original, isto é, ao tempo em que eram deusas (paráfrase feita às palavras de Mariamar, personagem de *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto).

Todavia, independentemente de todas estas situações, será que o homem nunca se questionou que a mulher queria algo mais para além de cuidar dos filhos e da casa? Esta mesma questão é partilhada por Friedan (1971: 72): «Mesmo que o homem a amasse como a uma criança, uma boneca, um objecto, que lhe desse rubis, cetins, veludos, que a agasalhasse em sua casa e a protegesse como aos filhos não ansiaria a mulher por algo mais?». A resposta a esta questão é sim. Queria a mulher a possibilidade de um espaço para poder evoluir humanamente. O problema é que o homem tem medo de a mulher conquistar o seu espaço e, por conseguinte, dominá-lo tal e qual ele faz com ela. Mas esta não é a preocupação da mulher<sup>17</sup>.

A mulher está preocupada com a sua evolução, uma evolução que implica o viver livremente e ter a possibilidade de desenvolver suas potencialidades, uma vez que o único ser totalmente livre nas relações entre sexos é apenas o homem. Apenas ele, desde sempre, teve a possibilidade de ter acesso a uma educação para realizar as suas potencialidades, acesso ao emprego e de traçar as grandes decisões da sociedade, porque as mulheres nunca tiveram nem vontades nem possibilidades.

E este é o sentido do feminismo<sup>18</sup> que, simbolicamente, nós percebemos estar representado em *Niketche*, de Paulina Chiziane, por meio do qual a autora negoceia uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI. E, com certeza, existe uma grande relação de identificação entre muitas leitoras do romance e a personagem protagonista, no sentido de subverter a construção social feita sobre a sua pessoa.

Uma revolução que se pressupõe necessária tal como a revolução feminista, pois a mulher «ficou simplesmente detida num estágio de evolução muito aquém de sua

---

<sup>17</sup> Apesar de hoje, muitas mulheres pensarem que emancipação implica desrespeito ao homem, ou melhor, seu parceiro. Fazendo isso, elas igualam-se ao seu dominador, pois a vingança faz do vingador e da vítima seres iguais.

<sup>18</sup> Arriscamos nesta nossa atribuição apesar de a autora rejeitar algumas designações – uma delas é a de feminista. Todavia, pela natureza dos temas abordados em seus romances – quase todos voltados para a emancipação da mulher do jugo da tradição –, tal como atestamos em nosso artigo intitulado «*Niketche*: um discurso de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI»: Nos seus textos, em *Niketche* especialmente, apresenta considerações capazes de despertar diversas reflexões sobre a natureza humana e os relacionamentos entre homens e mulheres. Neles, Chiziane faz um esboço das mulheres muitas vezes subalternas, condicionadas e desiludidas com o homem, fazendo com que os seus textos sejam atravessados por um elevado grau de feminismo.

capacidade humana» (Friedan,1971:73). Acima de tudo, e apesar de ela ter tido durante muito tempo uma identidade doméstica, as suas potencialidades vão além do cuidar da casa, dos filhos e do marido. Mas a sociedade não aceita esta realidade. E sempre que uma mulher se ergue em prol da sua humanização, dizem estar ela a violar as tradições, os valores construídos pelos antepassados durante séculos, pois a sua avó, as suas tias, e sua mãe assim viveram.

Esta dificuldade também foi enfrentada pelas feministas, pois

A cada passo as feministas precisavam lutar contra a concepção de que estavam violando a natureza que lhes fora doada por Deus. Pastores interrompiam convenções pelos direitos da mulher agitando Bíblias e citando as escrituras: “São Paulo disse: (...) a cabeça da mulher é o marido” (...) “Que a mulher fique em silêncio (...)». (Friedan, 1971:74)

Mais uma vez, a palavra de Deus foi citada para servir aos interesses misóginos de uma sociedade construída sobre os padrões do patriarcalismo, muitas vezes reforçados pelos ideais de pensadores renomados como Freud que advogava para a mulher uma condição de ser inferior, desamparado, incapaz de ser feliz sem o seu papel de objecto passivo nas mãos do homem.

Tal como foi dito anteriormente, a tradição moçambicana constituiu uma identidade para a mulher moçambicana. Uma identidade limitada que dificultou o seu posicionamento na sociedade. Todavia, na perspectiva de Costa & Guedes (2010: 21), este cenário «serviu para consolidar os ideais de liberdade defendidos por autores como Paulina Chiziane, que numa visão contemporânea emprega nos seus cantos e romances a figura feminina arraigada à pátria e aos costumes de uma terra onde predomina o patriarcalismo.»

No domínio da literatura, as vozes femininas foram silenciadas e, de acordo com Zolin (s/d.: 2), «o quadro comportava, de um lado, a visibilidade das obras canónicas, a chamada “alta cultura”, de outro, o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem as mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados (...)». Palavras reveladoras de uma triste realidade: o acesso ao texto pela mulher era banido. Na época colonial, por serem mulheres e africanas poucas mulheres escreviam. Para o caso moçambicano, temos o exemplo de Noémia de Sousa. Mesmo no período pós-independência, este acesso não foi facilitado.

Hoje, vozes como as de Paulina Chiziane se erguem em prol da criação de um novo espaço para a mulher, porque, apesar de estarmos no século XXI, todos aqueles



preconceitos de “ontem” reapareceram disfarçados devido à prevalência de barreiras culturais intransponíveis.

É o caso de Chiziane que assume em seus textos um discurso emancipatório com o intuito de reverter o cenário. Mas, como diz Friedan:

A nova mística é muito mais difícil de combater, para a mulher moderna, que os velhos preconceitos, em parte por ser divulgada pelos próprios agentes da educação e da ciência social, que se supõe serem os principais inimigos dos preconceitos, e em parte porque a própria natureza do pensamento freudiano a torna virtualmente invulnerável à dúvida. (1971: 91)

Os dizeres de Friedan constituem um facto, uma vez que é muito comum ainda hoje ouvirmos por parte de pessoas que se auto-intitulam “académicas” discursos extremamente misóginos e machistas, tais como: “lugar de mulher é na cozinha”, “o homem é o galo da casa”, “sexta-feira dia do homem”, “um homem trair a mulher não é crime, mas quando a mulher trai o homem é prostituta”, etc.<sup>19</sup> Enfim, apesar de muitas conquistas, a herança de um legado patriarcal continua a ecoar muito forte em nossa sociedade.

---

<sup>19</sup> Sobre este comentário, sugerimos que seja feita uma leitura ao trabalho de SILVA, Luís Cláudio Ferreira & SILVA, Marisa Corrêa. (2010). *A personagem Feminina em Saramago*. Cascável, UNIOESTE.

### III -A NOVA IDENTIDADE FEMININA PROPOSTA POR PAULINA CHIZIANE

#### 1.1. O UNIVERSO FEMININO EM PAULINA CHIZIANE

É unânime a afirmação, segundo a qual, durante muitos anos, a representação dominante das mulheres africanas ter resultado de uma construção masculina, uma vez que quase todo (ou senão todo) o cânone das literaturas africanas foi constituído por homens, tal como atestam as seguintes palavras de Martins (2011: 119):

Apesar do reconhecimento alcançado por varias mulheres escritoras de Africa, o cânone da “literatura africana” e das literaturas nacionais dos diferentes países do continente continua a ser constituído maioritariamente por homens. Este facto tem vindo a ser denunciado pelas próprias mulheres escritoras, bem como pela crítica feminista, especialmente desde os anos 1980, e tem provocado uma reacção no sentido do uso e do reconhecimento da literatura como afirmação das mulheres, uma arma feminista agindo no imaginário, no discurso, nas ideologias.

Uma visão ou representação que descaracteriza a mulher africana, já que nesses textos predomina uma linguagem sexuada ou sensual exuberante e de dominação do homem sobre a mulher e que expressa a mulher como um simples ato de posse do homem, uma mulher cuja nudez o olhar masculino percorre e fotografa. Um objecto sensual, um ser vazio, sem psicologia, um corpo desabitado, o que corporifica a tal identidade negativa ou identidade doméstica que temos vindo aqui a alegar.

Na literatura, e, especificamente, na mulher moçambicana, sua imagem passou por diversas situações que confrontava com a realidade vivida por ela própria. [...] Discriminada e apenas desejada como objecto sexual, a descrição dessa mulher é sempre de uma criatura desprovida de inteligência e cultura [...] sem valor e sem voz própria para a sociedade. (Dantas, 2011: 15-16)

Senão, ora vejamos o seguinte texto da literatura africana, escrito no período de oitocentos, do autor angolano Rodrigues Cordeiro<sup>20</sup>:

*Nos teus olhos pestanudos  
eu vejo um mar de desejos.  
Nos lábios, talvez carnudos,  
um labirinto de beijos*

*A tua boca mimosa  
e um cofre de coral  
onde tu guardas vaidosa,  
dentes brancos sem rival*

*As ternas modulações  
do teu falr pausado,  
dão-me as vezes tentações  
de me matar a teu lado.*

[...]  
*As tuas faces para mim, \_\_  
\_\_d`um moreno provocante,  
São as rosas d`um jardim  
De perfume estonteante.*

*Na curva pronunciada  
Do teu collo admirável  
Poisa as vezes, confiada,  
Minha vista insaciável!*

<sup>20</sup> FERREIRA, Manuel. (1997) *No reino de caliban*. Lisboa, Plátano Editora.

Como podemos perceber, este homem escreve sobre a mulher (a mulher africana), mas estes versos revelam que, para os discursos masculinos, que, durante muito tempo, dominaram a literatura africana, a mulher é valorizada no seu aspecto sexual (corpo), sem se preocupar com os seus valores e as possibilidades advindas do seu "ser mulher". Uma mulher despida de toda importância na realidade prática, um ser sem personalidade e moldado ao sabor da visão e do desejo masculino, reduzindo-a a um puro copo (Martins, 2011). Um ser sem personalidade própria, representada sempre como subalterna em relação ao homem, na medida em que existe apenas para lhe satisfazer os desejos carniais, seres submissos, silenciados, sem vontade própria e sem voz, comparadas a simples objectos, sujeitas a todo o tipo de violência, pois é esta a lei vigente em todas as sociedades patriarcais.

Hoje, em pleno século XXI, esta imagem estereotipada de mulher é visível não só em textos, mas também nos meios de comunicação social, algo que tem merecido diversas críticas por parte de mulheres feministas que repudiam esta objectualização da mulher e sua consequente utilização como apelo sexual, o que contribui para reforçar a identidade negativa da mulher moçambicana.

Recentemente, em Moçambique, aquando da realização dos Jogos Africanos de 2011, em Maputo, a empresa Cervejas de Moçambique lançou, no mercado, uma campanha de cerveja que usava do corpo de uma mulher, sem cabeça e sem membros inferiores, com o símbolo da cerveja estampado na região da púbis.

Sob nosso ponto de vista, este foi o ápice da revelação da percepção do homem sobre a identidade da mulher moçambicana: o facto de não ter rosto justifica a nossa percepção segundo a qual a mulher em Moçambique é tida, apenas, como um objecto de satisfação sexual, um ser sem estatuto social e sem identidade; o de não ter pernas revela que esta mulher é incapaz de, por si própria, criar um rumo para a sua vida e história, estando, por isso, dependente do homem. Isto é, esta imagem reforça os estereótipos negativos da figura feminina, o que terá uma repercussão muito forte sobre os jovens e as jovens, pois eles constituem a massa reprodutora da sociedade.

E o mesmo acontece em muitos vídeos das músicas moçambicanas. Recentemente, num programa de televisão, o crítico e compositor Ildo Ferreira criticou a coisificação de que eram alvo muitas jovens nos vídeos das músicas de artistas moçambicanos, que usam

as mulheres como meio de “marketing”, independentemente do tipo de música, tal como atesta Leonel Magaia, numa entrevista ao jornal *Notícias*:

O que mais me intriga é que a mulher virou símbolo de degradação moral e social. Ou seja, se quiseres fazer um clip não te esqueças de usar (o temo é mesmo esse, sem aspas, usar) a mulher. E quanto menores trajes tiver melhor. Ela deverá bambolear-se e mostrar provocantemente as partes pudendas. Não interessa se a letra ou tema nos indica tratar-se de música religiosa, triste, alegre, o que quer que seja. A mulher (semi) nua está lá, escrava e comercialmente usada. Em poses de *strip tease* naturalmente obscenos e de um profundo desrespeito. (*Notícias*, 2008:1)

É dentro deste contexto que surge a voz esclarecedora de mulheres africanas com o intuito de deslegitimar o sexismo e conceder às mulheres um lugar na história da humanidade, ao mesmo tempo que promovem um entendimento completo e equilibrado das relações entre homens e mulheres, em busca de uma identidade positiva (a nova identidade proposta por *Niketche*) para todas as mulheres nas sociedades e culturas africanas. No contexto moçambicano, uma das vozes pioneiras nesse sentido, tem sido Paulina Chiziane, natural de Gaza, província do Sul de Moçambique, nascida em 1955, e autora de romances tais como *Balada de Amor ao Vento* (sua estreia em livro), *Ventos do Apocalipse*, *O Sétimo Juramento*, *O Alegre Canto da Perdiz*, *As Andorinhas* e *Niketche*, cujo *corpus* merece nossa atenção especial neste trabalho *Na mão de Deus* e *Por quem vibram os tambores do além*, sua última publicação. No livro *Na Mão de Deus*, a autora trata do submundo das doenças mentais e a espiritualidade, o que constitui uma viragem na abordagem da autora. Na Revista VIVA (2013: 38)<sup>21</sup>, lê-se o seguinte sobre o livro:

Não é uma pesquisa nem um romance. O livro **Na mão de Deus** é mais um diário de experiência da escritora Paulina Chiziane, inspirado, segundo a autora, num vizinho. "**Há um maluco que e meu vizinho vizinho que sempre que fala sozinho diz que está a falar com Deus. E se ele estiver mesmo?**", questiona a escritora.

Fora os livros *Na mão de Deus* e *Por quem vibram os tambores do além*, os textos chizianinos, tal como os de muitas de autoras africanas, centralizam a sua abordagem em aspectos que consideramos fundamentais: (i) A mulher enquanto ser autónomo, independente e capaz de exercer nos domínios privado e público; (ii) Um ser capaz de tomar as suas decisões: até na opção pela poligamia é ela quem deve escolher partilhar o marido com a (s) outra (s) mulher (es) e (iii) Mulher enquanto fonte geradora de economias, com vista à adopção de uma libertação económica e financeira do homem.

---

<sup>21</sup> TV CABO. (2013). *Viva*. n. 120. Maputo.

São fundamentais, estes aspectos, pois revelam a sua preocupação com a situação das mulheres, tendo como fim a desconstrução do universo predominantemente masculino que se vive em nossa sociedade. Por esse motivo, insere em seus textos mulheres que desempenham um papel central no decorrer das narrativas, mulheres fortes e que revelam problemas reais vivenciados por muitas mulheres moçambicanas do século XXI (problemas culturais, históricos e sociais). É importante perceber que não são quaisquer mulheres, não são mulheres fracas e passivas, são guerrilheiras, lutadoras e que rejeitam a despersonalização gerada por discursos masculinos (discursos esses identificáveis a partir das interpretações feitas ao livro do Génesis) que as condenaram a uma posição de subordinação.

Paulina Chiziane [...] descreve essa mulher não mais como a terra africana, mas intensamente como a mulher negra do dia a dia que sofre as dores do parto, labuta a terra, ama, se vinga, chora, é violada, sente saudade, luta, vence e mesmo amargurada com o que a vida lhe impôs, canta e encanta. (Dantas, 2011: 18)

Sobre este aspecto, importa apresentar a visão apresentada por Appel (2010) a respeito de uma pesquisa efectuada por Touraine sobre a afirmação das mulheres do século XXI sobre elas mesmas

a afirmação das mulheres por elas mesmas se reveste como uma luta para eliminar as desigualdades e as relações conflituosas entre homens e mulheres. Para o autor, as mulheres objectivam a construção de si mesmas à luz de outro comportamento. Por exemplo, opta pela maternidade mais tarde, decide ter filhos fora do casamento (união estável), e a grande maioria das entrevistadas por Touraine declaram que desejam ter um único filho; outras que afirmam declaradamente o direito de não tê-los. Touraine também registra em sua pesquisa que muitas mulheres do século XXI apresenta uma ausência de interesse pelos homens, sem, no entanto, hostilizá-los. As mulheres, então, preocupam-se menos com os homens porque estão envolvidas na construção de si mesmas. (Appel, 2010: 54)

O essencial para Chiziane é conhecer, na sua essência, as questões políticas e judiciais, culturais e económicas, relacionadas às mulheres moçambicanas, num constante questionamento. Fala da poligamia<sup>22</sup> como um valor cultural moçambicano pelo qual

---

<sup>22</sup> A poligamia tem sido um tópico constante na literatura chizianina, pois tem sido em nome da cultura que tem sido advogada a condição poligâmica do homem africano. E este valor cultural, que em muitas sociedades africanas (e Moçambique não é excepção) é preservado, mesmo sem aparência de imposição, é imposto. Em nossa cultura, não existe homem que pergunta à mulher se aceita partilhar o seu parceiro com outrem.

muitas mulheres foram (ou vão<sup>23</sup>) perdendo importância em nossa sociedade, pois, tal como apresentamos em nossos pressupostos, a virilidade em África reside no facto e na possibilidade de um homem conseguir agregar ao seu redor o maior número possível de mulheres e filhos.

Num seu artigo, Sithoe diz que

em conversas privadas com amigos, estes argumentos surgem para justificar os interesses dos homens. Isto porque sempre que o assunto é poligamia, só os homens é que a defendem, afirmando que é até um "favor que prestam às mulheres". Como numericamente são muitas, é preciso criar um equilíbrio na sociedade. São palavras de homens de vários quadrantes, desde os que possuem poucos anos de escolaridade, como os que têm curso superior, intelectuais, etc. Quando se chega a este assunto, recusam-se a reconhecer que a cultura é dinâmica e que, à medida que as sociedades evoluem, outros valores surgem, assim como se cria uma nova consciência dos direitos (Sithoe, 2009: 2).

O objectivo da escrita chizianina é o de substituir a imagem da mulher reduzida ao sector privado, por aquela que actua nos espaços públicos, num cenário onde os homens comecem a partilhar com elas os trabalhos de casa e a criação dos filhos, que também eles participem na vida privada.

É tendo em vista o alcance desta meta que procuraremos questionar, à luz das nossas leituras em torno da desconstrução das identidades negativas, criadas para as mulheres, durante séculos de existência, as concepções culturais sobre a mulher moçambicana, pois, para nós, na mesma linha de Sithoe (2009: 2), «a cultura é, pois, o desenvolvimento intelectual do ser humano, são os costumes e os valores de uma sociedade». Isto é, é importante que se desconstruam os conceitos existentes para se poderem construir os outros sobre a identidade da mulher.

Para além da poligamia, os textos chizianinos referem-se também ao lobolo como uma prática cultural que coisifica a mulher, reduzindo-a a uma condição de simples objecto de comércio. É um conjunto de práticas culturais que violentam a dignidade da mulher negra (ou mulata), em nome da «honra no âmbito moral e sexual, através de uniões mantidas à força, sob a égide do medo e da insegurança» (Miranda, 2010: 4). São mulheres que «vivem como seres de "fronteira", isto é, que "estão entre a tradição e os sistemas

---

<sup>23</sup> Usamos o presente, porque, para nós, este é um velho problema que, até hoje, tem raízes muito profundas nas mentes dos membros das sociedades africanas, um valor que não se questiona, não se critica e sobre o qual têm sido evitadas reflexões, com medo do impacto que tais situações podem causar (cf. Sithoe, 2009).

culturais impostos», mulheres que «se movimentam reafirmando ou rejeitando os valores patriarcais em voga em Moçambique» (*ibid.*: 1).

São, por um lado, mulheres sofridas, oprimidas e decaídas, mas cheias de muita força, sabedoria e determinação, maioritariamente envolvidas na causa da negociação de uma identidade nova (uma identidade positiva) para si (hoje), mas em nome das mulheres de ontem e daquelas que viverão amanhã.

## **1.2. A PROPOSTA DE UMA NOVA IDENTIDADE FEMININA EM NIKETCHE**

Os homens de antigamente, olhavam para a mulher como alguém capaz de o fazer feliz e dar muitos filhos, ir à machamba, cozinhar, cuidar dele quando precisasse. Nós olhamos para o marido como um pai e até chamávamos pai, quando ele nos chamasse ou quando lhe respondíamos. O nosso corpo era só para ele! Acordávamos bem cedo para preparar o "matabicho" e água para ele tomar banho [...], na hora do almoço, aquecíamos água para ele lavar as mãos, de novo de joelhos. É por isso que, no nosso tempo, não havia divórcios como actualmente. Agora, as mulheres seguem os maridos para as discotecas.

(*Memórias Soltas de Fabrício Sabat*, 2008: 126)

Escolhemos este depoimento para iniciar o nosso percurso analítico de *Niketché* por ser significativo e representativo da identidade doméstica (identidade negativa), criada para a mulher moçambicana ao longo dos séculos. O discurso começa pelo ontem e termina pelo hoje. Um ontem, tal como dissemos nas páginas anteriores, que se perpetua num agora, tornando ou transformando o agora desta depoente como um duplo agora, pois, sob nosso ponto de vista, hoje, apesar de muitas mulheres terem alcançado todas ou algumas oportunidades, ainda permanece aquele passado de submissão e de dominação de um homem que a cada dia se ergue em nome da tradição para continuar a colocar a mulher no seu estado de sujeição e submissão.

Este discurso espelha aqueles que são os conceitos sobre os papéis dos homens e das mulheres reproduzidos através dos séculos. Implicitamente, este discurso, originário de uma mulher, é condenador, pois, percebemos que a depoente critica as mulheres de hoje por quererem seguir os maridos para as discotecas. É uma mulher que assim pensa, e não um homem, o que revela que a mente de muitas mulheres continua formatada na submissão, chegando ao ponto de condenarem outras mulheres quando lutam pela conquista de um espaço público. Para ela, a mulher deve limitar-se ao espaço privado, pois esta é a sua vocação natural pelo simples facto de ser mulher.

Quando estamos em Moçambique (ou diante de muitos textos produzidos sobre as narrativas de Paulina Chiziane), é comum a ideia da existência de um modelo matrilinear, predominante no Centro e Norte do país, e o do modelo patrilinear vigente na região sul do país. Para o primeiro modelo, existe a ideia de que a gestão dos assuntos correntes e a tomada de decisões cabe à mulher, e, para o segundo, ao homem:

No norte e no centro predominam sistemas de descendência matrilinear, enquanto que no sul a descendência patrilinear constitui a norma. A descendência patrilinear traça laços de parentesco e de filiação através da linha paterna; os sistemas matrilineares definem a descendência através da linhagem materna. Nos sistemas patrilineares os homens assumem a propriedade dos recursos do agregado familiar e é o homem que autoriza à mulher o uso destes recursos. (...) Nas sociedades matrilineares os bens normalmente passam de geração para geração através dos familiares da mãe, permanecendo deste modo na linha sanguínea da mãe. Por outro lado, a descendência matrilinear fortalece a posição da mulher na sociedade porque após um divórcio a casa e os filhos continuam a constituir parte da família da mulher. (ASDI, 2007: 11)

Todavia, sob nosso ponto de vista, e sustentando-nos no Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano (RNDH), do PNUD, e no perfil das relações de género da ASDI, tanto num como no outro sistema, o poder masculino impõe-se de forma natural, pois “a descendência matrilinear não significa que as mulheres detenham o poder formal; de facto, o poder de decisão está investido no irmão da mãe (tio materno) que detém o direito de distribuir os bens e recursos.” (ASDI, 2007: 11)

E

Embora os dados revelem que se registou um ligeiro aumento de 23,5% para 30,5% de agregados chefiados por mulheres [...] não se pode afirmar categoricamente que este número corresponda de facto a um aumento de poder decisivo da mulher no seio da família. Isto quer dizer que não se constata qualquer alteração das relações sociais de género [...] na verdade a imagem de agregados chefiados por mulheres não passa de um equívoco estatístico. Muitas famílias classificadas dessa maneira não passam de agregados cujos chefes se encontram ausentes ou onde os descendentes de sexo masculino assumem de facto as funções de chefia do agregado (PNUD, 2001: 45).

E, se nos apoiarmos no discurso de *Niketche*, veremos que, de facto, apesar de toda a afirmação em torno do poder das mulheres do centro de Moçambique sobre os homens, existem muitos aspectos culturais que reflectem a submissão da mulher diante do homem, que a colocam em estrado inferior de obediência e de opressão:

Dedicámos um tempo à comparação dos hábitos culturais de norte a sul. Falámos dos tabus [...]. Dos tabus do ovo, que não pode ser comido por mulheres [...]. Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não aparecerem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Dos hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servir aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as asas e o pescoço. Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza (Chiziane, 2012: 37-38)



Ainda assim, há muitos que acreditam na possibilidade da existência de algum poder da mulher no centro e norte do país, mas, sob nosso ponto de vista, em nenhuma região de Moçambique se dá total poder à mulher. Tudo quanto ela, enfim, faz serve para agradar o homem, seu dono e senhor. Fala-se tanto da prática do alongamento dos genitais no norte de Moçambique, e esta prática tem tendido a alastrar-se a todas as regiões do país, porque as mulheres acreditam que, quanto mais longos foram os seus lábios vaginais, maior prazer darão ao homem, de modo que ele não irá abandoná-las. Ainda assim, há quem fale de poder da mulher! Para nós, apenas os servos se preocupam em agradar os seus senhores.

Por isso concordamos com o Relatório do PNUD (2001) e o documento sobre o perfil das relações de género da ASDI (2007) e reafirmamos que as mulheres só se tornam chefes de família durante a ausência dos seus maridos, seja em situação de serviço ou de poligamia ou amantismo, sendo, esta última, uma forma disfarçada de poligamia que tende a afirmar-se em nosso contexto:

A probabilidade de as mulheres chefiarem agregados familiares deve-se a divórcio, viuvez e separação. Outro factor importante na chefia da família pela mulher é o trabalho migratório; (...) Na ausência dos homens, as mulheres têm a responsabilidade pela produção para o agregado. (ASDI, 2007: 11)

É esse contexto o ponto de partida para a nossa incursão no universo de *Niketche*, pois, é no contexto da ausência do esposo, Tony, que Rami, a narradora protagonista, assume a chefia da família, não como cabeça da casa, mas por força da ausência do esposo. Uma ausência que é massacradora tanto para as mulheres quanto para os filhos, porque elas nem sempre se justificam pela necessidade do trabalho, mas pela necessidade dos homens em acumular, ao seu lado, maior número de mulheres:

Entro num delírio silencioso, profundo. Rajadas de ansiedade varrem-me os nervos como lamas de vento. Este acidente enche-me de dor e de saudade. Meu Tony, onde andas tu? Porque me deixas só a resolver os problemas de cada dia como mulher e como homem, quando tu andas por aí?

Este discurso introdutório de *Niketche*, assim o consideramos por estar inserido no contexto iniciático da apresentação de uma identidade positiva (a nova identidade) para a mulher moçambicana do século XXI, é revelador do antigo dualismo que tem caracterizado as relações sociais entre os homens e as mulheres: o da polarização entre a

vida/esfera privada e a vida/esfera pública. A naturalização dos papéis do homem e da mulher pelas culturas e pelas sociedades.

Recuperando, neste momento, a interpretação masculina da representação da mulher definida pelo Génesis, podemos afirmar que, ao feminino se relaciona a vida privada, que não é mais do que cuidar da casa, dos filhos, da família, numa só palavra, enquanto que ao público se juntam os conceitos públicos ligados à cultura, política, religião, justiça e poder.

Voltando-nos para *Niketche*, iremos perceber que esta não é apenas a situação de Rami:

Um desfile de mulheres vem ao meu encontro. Consola-me [...] E falam também dos maridos ausentes, que nem cuidam dos filhos. – Esta falta de ordem é falta de homem nesta casa – desabafo [...] - Não és única, Rami. O meu marido, por exemplo, - diz uma vizinha -, largou-me e correu atrás de uma menininha de catorze anos, para começar tudo de novo. Um velho que se tornou criança. (Chiziane, 2012: 14)

Como se pode perceber, esta é uma situação que atinge não apenas uma única mulher, mas o maior número das mulheres que vivem no espaço representado pelo texto, pois, tal como afirma Pateman (*apud* Campos, 2009: 4):

as mulheres e a vida doméstica simbolizam a natureza. A humanidade pretende transcender uma existência meramente natural, de maneira que a natureza sempre se considera como algo de ordem inferior à cultura. A cultura se identifica com a criação e o mundo dos homens porque a biologia e os corpos das mulheres lhes aproximam mais à natureza e à educação dos filhos, às tarefas domésticas [...] as mulheres e a esfera doméstica aparecem como algo inferior à esfera cultural e às actividades masculinas, de maneira que as mulheres se consideram como seres necessariamente subordinados aos homens.

Assim, as ausências dos homens e a sua fuga das responsabilidades de casa são aqui apresentados como reflexo da reprodução que a sociedade e a cultura fazem dos conceitos e papéis que lhes são ensinados na família, pois há «mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não aparecerem doenças sexuais, como esterilidade e impotência» (Chiziane, 2012: 38). A nossa cultura até inventa doenças para justificar a domesticação da mulher e a valorização do homem.

Diante dos factos acima arrolados, podemos considerar que estamos diante de homens e mulheres construídos historicamente, com papéis sociais e sexuais delimitados pela tradição (maioritariamente masculina), com comportamentos permitidos a uns e

vedados a outros, gerando-se, assim, um quotidiano de relações de desigualdades. Um quotidiano marcado pela existência de mulheres que vivem a dor da ausência de "seus"<sup>24</sup> homens, mas são incapazes de reclamar, porque, de certa forma, elas mesmas confirmam os estereótipos que para si foram criados. Mulheres vazias, perdidas dentro de si mesmas, porque não se encontram: «Fecho os olhos e escalo o monte para dentro de mim. Procurome. Não me encontro. Em cada canto do meu ser encontro apenas a imagem dele» (*ibid.*: 16)

Esta introspecção é muito importante no processo de autoconhecimento e na construção de uma nova identidade, pois a descoberta de si mesma, passa pela descoberta da forma como os outros a vêem, visto que existe «uma relação indispensável entre o *eu* e o *outro* para que o ser humano se constitua como um todo» Todorov (*apud* Braun, s/d.: 3).

Percebemos que são mulheres que vivem infelizes para fazerem felizes os seus senhores:

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. (Chiziane, 2012: 16)

Sente-se nesta passagem um tom de auto-condenação pelo fracasso, pela impossibilidade de não ser amada. Rami procura encontrar em si as causas, mas não pode encontrá-las, porque o problema não está em si. O homem trai a esposa, não porque ela não tenha correspondido às suas expectativas, mas

porque em Moçambique, tal como em toda a África o comportamento sexual masculino sempre permitiu-se ser muito mais permissivo do que o das mulheres. Crescemos ouvindo histórias de homens, casados, que cultivavam amantes, ou que se relacionavam com várias mulheres diferentes, tudo isso sob a ótica de que a virilidade masculina deve ser constantemente reafirmada pela quantidade de parceiras sexuais que um homem tem durante sua vida. Ação essa justificada pela tal "natureza promíscua do homem". (Braun, s.d.: 7)

---

<sup>24</sup> Se é que a noção possessiva deste pronome pode ser aplicada ao nosso contexto, uma vez que «homem é pão, é hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio» (Chiziane, 2012: 57) e, por isso, deve ser partilhado por muitas mulheres, já que muitas são as mulheres e poucos os homens.

Os pressupostos apresentados por Braun encontram eco nalguns discursos de *Niketché*, que passamos a transcrever, inseridos no contexto do encontro de Rami com a tia Maria:

- Cada tempo a sua história – diz ela. – A prosperidade mede-se pelo número de propriedades. A virilidade pelo número de mulheres e filhos. Um grande patriarca deve ter várias cabeças sob o seu comando. Quando se tem poder é preciso ter onde exercê-lo, não é assim? Os nossos reis antigos também o foram e ainda são. Que mal é que há? (Chiziane, 2012: 74)

Hoje, em pleno século XXI, diante da flexibilidade da história e dos valores culturais e sociais, a pureza continua sendo «masculina, e o pecado é feminino. [...]» (*ibid.*: 31), a cultura e a sociedade (família e comunidade) ainda vigiam a moral sexual de uma mulher e abrem caminhos para que permaneçam as noções rígidas de feminilidade e de masculinidade em nossa sociedade. Ainda prevalecem barreiras culturais que se mostram difíceis de transpor e desconstruir, o que tem dificultado a construção de uma nova identidade para a mulher moçambicana deste século, a partir da qual serão construídas bases para a valorização das mulheres de ontem e de amanhã.

Todavia, o discurso de Rami, apresentado na página anterior, revela o quanto as mulheres moçambicanas assumem a culpa por tudo quanto acontece na natureza, reproduzindo, assim, aquelas interpretações machistas que colocam na mulher, desde a queda adâmica no jardim do Éden, a culpa por todos os males da sociedade e, enquanto procederem assim, nunca conseguirão eliminar o machismo presente em nossa sociedade, em pleno século XXI, porque «Ainda hoje em dia é possível ouvir o eco dessas afirmações deterministas que justificam práticas sociais com argumentos de ordem biológica.» (Braun, s.d.: 7)

Infelizmente, no universo dos povos bantu «a poligamia é a natureza do homem: embora se condene, não é crime, não faz mal a ninguém. Que um homem que se preze tem que ter pelo menos três mulheres» (Chiziane, 2012: 115). Por este motivo, em Moçambique, todo o homem que escolhe viver ao lado de uma única mulher «Tinha o poder e renunciou a prática mostrou que com uma só esposa não se faz o grande patriarca» (*ibid.*: 94). E repetem constantemente: «Sou homem, hei-de casar com quantas quiser. E forçar as mulheres a aceitar este capricho» (*ibid.*: 95).

Então, se a cultura e a sociedade são responsáveis pela perpetuação/reprodução desses preceitos, imprescindível será o seu papel na modificação em relação ao que os

homens e as mulheres pensam sobre os seus papéis sociais. Papéis criados desde o lar, onde os meninos e as meninas recebem as primeiras noções sobre os conceitos de masculinidade e feminilidade, e da escola, onde as desigualdades entre os sexos são reafirmadas constantemente.

Confirmam as ideias acima expostas, através do discurso reproduzido pelo pai de Rami, num encontro, em que Rami procurava auxílio para a resolução dos problemas que estava a enfrentar no lar:

Queixo-me. Ele alarga os olhos mortiços e acusa-me: - Se o teu marido não te responde, é em ti que está a falta. – Que falta, pai? A voz dele é áspera e corrosiva como veneno espalhado ao vento. Fala com desprezo, como quem diz: ó menina, não me traz mais problemas, que já tive tantos nesta vida. E continua o seu discurso: - As mulheres de hoje falam muito por causa dessa coisa de emancipação. Falas de mais, filha. No meu tempo, as mulheres não eram assim. Foi difícil aceitar o que estava a ouvir. [...] Que vergonha eu sinto. Estou desesperadamente a pedir socorro e respondem-me com histórias de macho. Os problemas de uma mulher são classificados no arquivo das insignificâncias, caprichos, incapacidades. (*ibid.*: 99)

Este discurso faz-nos voltar ao discurso apresentado na introdução deste capítulo: a questão do ontem e do hoje. A vontade da tradição é que os hábitos e os costumes continuem os mesmos. Que a mulher continue na submissão e debaixo do poder do homem: «São assim os pais. Sempre educando os filhos para serem tiranos e as filhas para aceitarem a tirania segundo a ordem do universo» (*ibid.*: 126-127).

Os preceitos bantu são dolorosos para as mulheres. Oprimem-nas e relegam-nas sempre para a última posição:

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. [...] Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças. (*ibid.*: 103)

Até ao momento, descrevemos aquela que é a situação de muitas mulheres moçambicanas neste século XXI. Mulheres que ainda continuam marginalizadas. Um problema de ontem, que é vivido hoje e que, se não for resolvido, se prolongará num futuro ainda muito próximo ou distante. Continuará, se não houver um novo discurso, um discurso desconstrutor e construtor de uma identidade positiva. Subversivo até certo ponto, porque irá ferir os fundamentos da nossa cultura, mas é importante referir que «Negar [...] é olhar a lei, mudar a lei, mudar a lei, desafiar a religião e introduzir mudanças, dizer não à filosofia dos outros, repor a ordem e reeducar a sociedade para o regresso ao tempo que passou» (*ibid.*: 95).

Pois, a tradição a que são submetidas as mulheres moçambicanas, ainda hoje, já não corresponde ao seu papel na história, porque, hoje, mais do que nunca, as mulheres (algumas) já se revoltam e denunciam a opressão a que estão sujeitas. E este será o ponto de onde partirá o estabelecimento da ponte para a construção da nova identidade para a mulher moçambicana do século XXI. Não para apresentar a sua representação patriarcal, pois que seria «tão distorçante como a patriarcal tem sido ao longo de séculos. Se a nova criação quer se tornar realidade em nossos tempos, "ambos", homens e mulheres, precisam reexaminar [juntos] a tradição» (Oduyoye, apud Okure, 2010: 32).

Para nós, depois de uma leitura aprofundada de *Niketche*, o primeiro ponto para esta desconstrução e construção da nova identidade feminina passa pela solidariedade entre as mulheres. Não é uma mulher sozinha que irá transformar o estado de coisas. É importante que as mulheres, entre si, desconstruam os conceitos que têm de si mesmas, porque, querendo ou não, elas foram formatadas a pensar e a reconhecer-se como fracas, e limitadas a estar, apenas, num espaço privado, o da casa e da família.

Se a mulher continuar a considerar-se a si mesma como algo sem valor, tal como se considera a Luísa, outra mulher de Tony, «Quer seja esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que descola e acaba no lixo» (Chiziane, 2012: 56), então, mais ninguém poderá fazer algo por si e pela transformação da identidade negativa que ainda persiste sobre si.

E é isto que faz Rami. Parte em busca de vingança contra as outras mulheres do seu marido, mas percebe que também elas foram usadas e humilhadas como ela própria, em nome de uma tradição rígida e opressora: «Choca-me a frontalidade desta mulher. Que aceita ser usada e ser jogada como bagaço de cana doce. Que vive um instante do amor como eternidade. Que fala da amargura com doçura» (*ibid.*: 56). «Coitada, ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caçada e traída como eu» (*ibid.*: 26). Pois «As mulheres são diferentes no nome e na cara. No resto, somos iguais» (*ibid.*: 28). São os mesmos os problemas das mulheres de ontem, de hoje e de amanhã. Não importa o grau de instrução, a hereditariedade, a raça ou a cor.

Chiziane mostra, através das diferentes origens das amantes de Tony, que é preciso unir o Norte, o Centro e o Sul nesta consciencialização, porque não adianta haver esforços apenas de um lado, enquanto de outro prevalece a noção de objectualização, a desvalorização e a aceitação de uma identidade negativa (a identidade doméstica). Apesar

de registarmos muitas conquistas com relação ao sufrágio, na aquisição de direitos contratuais, muitas mulheres não têm a possibilidade de opção, por nós alegada como um dos aspectos base que marcam as narrativas de mulheres africanas.

Os pressupostos da emancipação da mulher, com vista à criação de uma identidade para a mulher moçambicana do século XXI, passam também pela opção pela maternidade, pelo casamento e pelo divórcio. Mas a realidade é madrastra nesse aspecto. Muitas mulheres preferem estar ligadas a um homem que as maltrata, as humilha, pelo simples facto de quererem manter a imagem diante da sociedade. Têm medo de serem julgadas, condenadas, porque no universo dos bantu as mulheres sem homem não têm valor social, contribuindo, assim, para que os homens se sintam indispensáveis às mulheres.

A narradora de *Niketche* introduz, propositadamente, uma situação de humilhação que vivenciou num hospital:

Vou ao hospital e sento-me num banco a aguardar a minha vez. Do fundo do corredor, vem um casal de velhinhos. O marido está estendido numa maca que a mulher empurra, em passos de aflição. Todos os doentes em fila abrem alas para a idade que passa. [...] O médico recebe-os com sorrisos e pergunta o que se passa. Ela diz tudo o que sabe, para ajudar o companheiro. De repente o velho ergue-se da maca rugindo furiosamente: - Cala-te, mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta. As palavras do velho despertam na mulher raivas sepultadas. Todas as mágoas afloram como um furacão, o sofrimento desta mulher foi uma constante, nas linhas do tempo. Ela reage e grita para o médico: - Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra! (*ibid.*: 61-62)

Esta situação denuncia a tamanha prepotência dos homens sobre as mulheres, ao ponto de o homem se afirmar dono e senhor da mulher, e dependerem dele a fala e o silêncio. Mas o comportamento da velha é interessantíssimo no contexto da nossa abordagem da construção de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI.

As palavras do velho despertam na mulher raivas sepultadas. Todas as mágoas afloram como um furacão, o sofrimento desta mulher foi uma constante, nas linhas do tempo. Ela reage e grita para o médico: - Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra! As palavras do velho despertam na mulher raivas sepultadas. Todas as mágoas afloram como um furacão, o sofrimento desta mulher foi uma constante, nas linhas do tempo. Ela reage e grita para o médico: - Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra! (*ibid.*: 61-62)

É importante que as mulheres dêem um “basta” para a situação em que encontram, de modo a que se passe para um novo momento, o da sua valorização. Se cada uma delas,

no seu lugar, desse um “basta” a tantas situações de humilhação, temos certeza que hoje teríamos ultrapassado muitas daquelas situações arroladas neste trabalho.

E Rami parte para a desconstrução dos papéis criados pela tradição. Une as amantes de seu esposo: «Juntei as mulheres do Tony num encontro secreto» (*ibid.*: 105):

Somos cinco. Unamo-nos num feixe e formemos uma mão. Cada uma de nós será um dedo, e as grandes linhas da mão a vida, o coração, a sorte, o destino e o amor. Não estaremos tão desprotegidas e poderemos segurar o leme da vida e traçar o destino. (*ibid.*: 107)

Para nós, o destino significa a conquista de um momento em que todas as mulheres possam afirmar sua identidade positiva, o seu papel de seres com estatuto sócio-económico, com personalidade própria e capacidade de intervir quer na vida privada quer na vida pública.

Todavia, é importante perceber que não basta haver união, mas é importante que todas assumam a causa pela emancipação. Esta constitui a segunda etapa desta negociação, que consiste em consciencializarem-se sobre a necessidade de ter uma fonte de rendimento, um emprego que, definitivamente, as libertará da sua condição de dependência do homem: «Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres desta situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão» (*ibid.*: 117).

E é por isto que muitas mulheres moçambicanas ainda têm de lutar para alcançar uma identidade positiva. Os homens, quando a mulher não trabalha, oprimem-na, porque sabem que ela não tem outro recurso para prover as suas necessidades. Vivem submissas, humilhadas, derrotadas, caladas, porque precisam de um pão e de um abrigo para o seu corpo desabitado, sem alma e sem personalidade. Por este motivo, muitas mulheres, depois de terminarem um curso ou adquirir um emprego capaz de as sustentar, abandonam o lar, pois se sentem livres para construir a sua vida livre de humilhações. O diploma e o emprego surgem como uma forte arma de emancipação do jugo da humilhação. Então, o trabalho surge, nesse contexto, como uma necessidade: «Temos que trabalhar» (*ibid.*: 118).

E uma prática que tem garantido uma identidade positiva a muitas mulheres moçambicanas do século XXI é a prática do "xitique"<sup>25</sup>, onde um grupo de mulheres se junta e, mês a mês, o valor produzido pelas integrantes vai para uma e, assim,

---

<sup>25</sup> Sistema tradicional de poupança.



sucessivamente, garantindo a possibilidade de poderem, através do valor acumulado, abrir um negócio que possa garantir uma estabilidade social digna: «Rami, faz o xitique. Rami, entre no xitique. Vais ver como a tua vida melhora em pouco tempo» (*ibid.*: 122).

E vejamos o ponto de vista da narradora-protagonista com relação a esta experiência: «Entrei no xitique forçada pelas minhas amigas do mercado da esquina. E como foi bom, meu Deus! Xitique é poupança obrigatória. Xitique é um sistema de crédito, milenar, de longe superior ao crédito bancário» (*ibid.*: 122).

De certa forma, os dizeres de Rami surgem como um apelo a todas as mulheres moçambicanas do século XXI que queiram partir rumo à construção de uma nova identidade, diferente daquela doméstica, privada, mas sim uma identidade social e pública, no âmbito da equidade de género, pois, citando Campos (s/d: 4), “sem mudanças na vida pessoal e doméstica não poderá haver mudanças na vida política, porque os problemas da vida privada das mulheres são também problemas políticos”.

Pois,

Se as mulheres haverão de participar plenamente, como iguais, na vida social, os homens haverão de compartilhar por igual na educação dos filhos/as e outro as tarefas domésticas. Enquanto as mulheres forem identificadas com este trabalho "privado", seu status público sempre será delimitado. Esta conclusão não nega – como se pode deduzir – o fato biológico de que são as mulheres, e não os homens, as que parem as criaturas; o que nega é o suposto patriarcal em virtude do qual o fato natural pressupõe que unicamente as mulheres podem criá-las [...] isto pressupõe algumas mudanças radicais na esfera pública, na organização da produção, e no que entendemos por "trabalho" e na prática da cidadania. (Pateman, *apud* Campos, s/d.: 4-5).

É esta a visão que se quer na sociedade: homens e mulheres vivendo em unanimidade e igualdade de direitos e oportunidades. Todavia, falar de liberdade económica diante de homens moçambicanos do século XXI é afirmar que as mulheres são superiores a si, por isso reclamam: “Agora que têm esses vossos negócios julgam-se senhoras, mas não passam de rameiras. Julgam que têm espaço, mas não passa de um buraco. Julgam que têm direitos e voz, mas não passam de patos mudos” (Chiziane, 2012: 166).

O trecho é elucidativo do quanto os homens querem que as mulheres continuem no seu espaço privado, sempre obedientes, sem voz (daí a analogia com o pato mudo), por isso afirma, numa predestinação, com objectivo de as fazer desistir dos seus esforços:

Pois saibam que o vosso destino é cacarejar, desovar, chocar, olhar para a terra e esgaravatar para ganhar minhoca e farelo de grão. Por mais que venham a ter, não passarão de uma raça cacarejante, mendigando eternamente o abraço superior de um galo como eu, para se afirmarem na vida. (*ibid.*: 167)

Palavras duras, que mais uma vez revelam a concepção existente nas mentes dos homens sobre o facto de se ser mulher. Ali se espelham as características marcantes da identidade doméstica: desovar mais não é do que gerar filhos. Para os homens, as mulheres serão eternamente domésticas e assim continuarão se continuarem a demonstrar aos homens que precisam deles para se auto-afirmarem socialmente, através de um casamento, só porque a tradição tem maus olhos para as mulheres que vivem solteiras. Assim continuarão, caso continuem a administrar as humilhações por que têm vivido nos casamentos, só por causa dos filhos, e com receio de serem rotuladas de "mulheres divorciadas".

E Rami, a narradora-protagonista de *Niketche*, passou por este medo, quando confrontada com a possibilidade de divórcio por parte de Tony. Ainda que se sentindo maltratada humilhada, descontente com as situações por que passava no momento, não tinha coragem de romper com aquela situação de dominação, objectualização e despersonalização.

Não vou assinar esse divórcio [...] Não haverá divórcio nenhum. Quer divórcio? Que passe pelo meu cadáver! [...] Estou na idade de subir ao trono e consagrar-me rinha nesta vida, e eis que me retiram a cadeira real. O que será de mim? Se o Tony corre comigo daqui, onde irei viver com os meus filhos? Procurar um novo marido? Com tantos filhos? (*ibid.*: 166-167).

E o ponto mais alto desta apresentação da nova identidade para a mulher moçambicana é a desconstrução da mente masculina, com vista a reexaminarem juntos todos aqueles aspectos que ainda hoje têm justificado a domesticação da mulher moçambicana deste século. Podemos falar, adoptando a perspectiva de OKURE, de uma "aproximação inclusiva".

Em *Niketche*, por exemplo, Tony, quando confrontado com a situação em que tinha sido dado por morto, e sua esposa dada a seu irmão numa prática cultural que visa libertar o espírito do morto ("Kutchinga", na região sul, e "Pitakufa", no centro de Moçambique), compreende até que ponto a cultura é opressora nalguns princípios.

Ele entra em delírio. Diz que não sabia que a vida era má, nem imaginava que as mulheres sofriam tanto. Sempre achara que a sociedade estava bem estruturada e que as tradições eram boas mas agora percebia a crueldade da situação. (*ibid.*: 228)

Esta passagem é reveladora do quanto os princípios ou valores tradicionais são positivos quando nos favorecem e não o são quando não nos favorecem, o que leva a uma profunda reflexão em busca de mudanças sociais concretas.

E o término da história de *Niketche* é bastante importante dentro da abordagem que desenvolvemos nesta nossa dissertação.

- Rami, é um filho?

- Mas como, se.... (...) – Diz que é meu, diz e salva-me. (...) Não te posso salvar. Tento salvar-te mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. Os homens é que salvam as mulheres e não o contrário. (...) – O filho é do Levy! (*ibid.*: 331-332)

Tony parece redimido. Porém, no seu discurso (“Diz que é meu e salva-me”), se escondem fortes pressupostos de domesticação feminina e exaltação da identidade masculina. De que é que ele deveria ser salvo? Da vergonha de, socialmente, ser considerado incapaz de ajuntar ao seu redor as mulheres que um dia juntou e de, naquele momento, lhe ser negada uma das condições primordiais de virilidade em África, neste caso concreto, em Moçambique: poder ter ao seu redor o maior número de filhos e esposas. Precisava que o bode expiatório “edénico”, a mulher, mais uma vez carregasse a culpa pelas fraquezas daquele que é considerado o ser primeiro, a perfeita imagem de seu Criador.

Todavia, Rami contra-ataca e desta vez, uma ironia que mais não fez senão revelar a Tony a revolução dos tempos novos que se procuram afirmar: “Não te posso salvar. Tento salvar-te mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher”. Rami poderia muito bem fazê-lo, todavia busca revelar uma situação que é a defendida por todas as feministas, principalmente, as de África, ao defenderem que um dos pontos mais altos da emancipação da mulher africana está na conquista da liberdade de opção e construção de um futuro segundo os anseios do seu coração.

Ao dizer que o filho que espera é de Levy e não de Tony, Rami revela, sem medo, a possibilidade de optar por viver uma outra relação amorosa, segundo sua vontade, porque aquela era a sua vontade, independentemente de a sociedade poder vir a considerá-la adúltera, já que, numa situação igual à que se encontrava, era suposto, na sociedade machista em que vivemos, ela ter de aceitar Tony e viver com ele apenas para evitar ser julgada, pois, na sociedade em que vivemos, a mulher é iniciada diariamente a ser feminina (obediente, dócil como uma flor), preparada para servir e agradar o seu senhor – o homem.

É isto e muito mais que se espera das mulheres moçambicanas do século XXI. No dia em que Moçambique chegar a este nível, poderemos, então, acreditar que, efectivamente, as mulheres moçambicanas deste novo século diferem-se das do (s) século (s) passado (s), pois, sem renegar o facto biológico de que elas são as responsáveis pela concepção dos filhos, irão assumir-se, também, como seres sociais, com possibilidade de opção e de manifestar vontade própria, sem preocupações com os conceitos sociais sobre a sua identidade, construindo-se, assim, relações (entre homens e mulheres) sadias e livres de padrões opressores e discriminatórios. Todavia, centradas no respeito e valorização mútuas, já que as constatações que temos encontrado no dia-a-dia são reveladoras de um elevado grau de falta de percepção dos preceitos emancipatórios da relações entre os sexos. Parafraçando Okure (2010), diríamos que este tipo de percepção é totalmente distorçante, pois que se as mulheres do século XXI querem que o seu desejo seja realidade, devem aceitar que os homens e as mulheres precisam reexaminar juntos a tradição e enfrentar todos os aspectos que justificam a domesticação das mulheres.



#### IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim termina o nosso percurso analítico em torno de *Niketche*, de Paulina Chiziane, como proposta de uma nova identidade feminina. Ao longo do percurso, percebemos o modo pelo qual Chiziane constrói um diálogo com vista a colocar a mulher moçambicana no lugar que lhe é devido: ao lado do homem, como sua parceira, companheira e carne de sua carne. Como vimos, em *Niketche*, a autora parte de um momento de domínio patriarcal e, aos poucos, através de diálogos, vai revelando o processo de descoberta, isto é, do momento em que a mulher vai tomando consciência de si mesma e do mundo que o rodeia. Aos poucos, ela vai percebendo que viveu humilhada, dominada, e decide desconstruir os estereótipos femininos e a ideia de que o homem é o dominador e a mulher a dominada.

É um facto irrefutável que Chiziane construiu Rami como uma “super-mulher”, pois, apesar de muito sofrimentos e dificuldades por que passou, ela não ficou parada, mas agiu e nunca desistiu: “Eu não desisto desta luta. Ao meu Tony eu irei perseguir até aos confins da eternidade. Vou persegui-lo até à morada do tempo. Um dia hei-de reencontrá-lo, eu juro. Hei-de apanhá-lo nem que esse seja o último acto” (*ibid.*: 71). A determinação de Rami é impressionante, e leva-nos a reconstruirmos o seu discurso da seguinte forma: “Eu não desisto desta luta. À minha liberdade eu irei perseguir até aos confins da eternidade. Vou persegui-la (...). Um dia hei-de reencontrá-la, eu juro. Hei-de apanhá-la nem que esse seja o meu último acto.”

Este é que deve ser o discurso das mulheres moçambicanas do século XXI, que vivem subjugadas por homens que não as sabem valorizar. Que são usadas, humilhadas, por causa dos preceitos de uma sociedade formada a partir de padrões patriarcais. Mulheres sofridas, infelizes no rosto e nos olhares, que têm aceitado viver assim em troca de uma vida de muito luxo e conforto. Todavia acreditamos que dentro de cada uma delas há um grito de revolta e de esperança (gritos que não são somente seus, mas de uma colectividade que se solidariza por uma mesma causa), na certeza de que, um dia, a sociedade colocará um rosto a cada uma delas, isto é, uma identidade positiva.

Cientes desta mudança, sugerimos um maior empenho de todas as mulheres moçambicanas em prol dos seus direitos e da sua dignidade. Não é tarefa fácil, pois acreditamos que ser mulher hoje, em pleno século XXI, é uma tarefa árdua e, de forma imprescindível, é nascer para ser forte. Todavia, esta possibilidade de construção de uma identidade nova não deve ser uma tarefa isolada, isto é, só de mulheres, com o risco de se

incorrer no mesmo erro quando a construção da história esteve apenas a cargo dos homens. Juntos, homens e mulheres, se empenhem na (des) construção de uma sociedade livre de relações misóginas e estereotipadas.

## V - BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA ACTIVA

CHIZIANE, Paulina. (2002). *Niketche: uma história de poligamia*. Lisboa, Editorial Caminho.

### BIBLIOGRAFIA PASSIVA

AFONSO, Ana Lúcia da Silva. (s/d). *Buscando outro significado para Eva: a representação do feminino na escrita de Paulina Chiziane*. s/l.

AMÉLIA, Lilisia et al. (2011). *Movimento feminista em Moçambique*. Maputo, Nawey.net.

APPEL, Marta Lia Genro. (2010). *A escrita feminina contemporânea retratos de uma época*. s/l, Signos.

ASDI. (2007). *Para a igualdade de género em Moçambique*. Maputo.

BEAUVOIR, Simone. (1967). *O segundo sexo*. São Paulo. Difusão Europeia do Livro. 2. Ed.

ALMEIDA, João Ferreira de (trad.). *Bíblia Sagrada*. Lisboa, Edição da Sociedade Bíblica, 1968.

BRAUN, Ana Beatriz Matte. (s/d). *Multiculturas, Pluralidades, Poligamia: O contexto da Literatura Moçambicana e Niketche, de Paulina Chiziane*. S/l.

CAMPOS, Patrícia do Nascimento. (2009). *A educação intercultural e a perspectiva de género*.s/l.

COSTA, Laysa Cavalcante, & GUEDES, Joana Camila Lima. (2010). *As cicatrizes do amor: a representação da mulher na sociedade moçambicana em Paulina Chiziane*. Paraíba, Cadernos Imbondeiros..

COUTO, Mia. (2012). *A Confissão da Leoa*. Maputo, Ndjira.

CUMBI, Alberto. (2009). *Mulheres com formação superior e emprego remunerado: mulheres emancipadas?* Maputo, Outras Vozes.

DANTAS, Luciana Neuma Silva Muniz Meira. (2011). *Identidade da Mulher Moçambicana nas Obras de Noémia de Sousa e Paulina Chiziane*. (Dissertação de Mestrado). Campina Grande, Universidade Estadual de Paraíba.



- FERREIRA, Manuel. (1997) *No reino de caliban*. Lisboa, Plátano Editora.
- FERREIRA, António Manuel. (2012). *Sinais de Cinza. Estudos de Literatura*. Guimarães, Opera Omnia.
- FIDH & LMDM. (2007). *Direitos da Mulher no Moçambique: dever de terminar práticas ilegais*. Nova Iorque.
- FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. (s/d). *A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social*.
- FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. (2012). *As Relações de Poder Embaladas pelo Amor na Narrativa de Paulina Chiziane*.
- FRIEDAN, Betty. (1971). *A Mística Feminina*. Petrópolis, Editora Vozes.
- LOPES, Helena Theodoro. (s/d). *Mulher negra, mito e sexualidade*. S/l, Universidade Gama Filho.
- MARTINS, Catarina. (2011). *A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos Nacionalismos Anticoloniais e de outras Ocupações*. S/L., E-Cadernos.
- MARTINS, Nereida Soares. (s/d). *A maldição das filhas de Eva: uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã*. Paraíba, Universidade Federal de Paraíba.
- MIRANDA, M. G. (2010). *A África e o Feminismo em Paulina Chiziane*. Rio de Janeiro, Mulemba.
- MOÇAMBIQUE. (2006). *Constituição da República de Moçambique*. Maputo, Plural Editores.
- OKURE, Teresa. (2010). *Interpretações feministas em África*. Mandrágora, v.16.
- RODRIGUES, Donizete. (s/d). *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Lisboa.
- SILVA, Carla da. (2012). *A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de género*. São Paulo.
- SITHOE, Y.(2009). *Poligamia: tudo em nome da tradição*. Maputo, Outras Vozes.
- SOUZA, Adriana de. (2004). *A dominação masculina: apontamentos a partir de Pierre Bourdieu*. São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo.
- TV CABO. (2013). *Viva*. n. 120. Maputo.
- ZOLIN, Lucia Osana. (s/d). *Pós-Modernidade e Literatura de Autoria Feminina no Brasil*. Maringá, Universidade Estadual de Maringá.